

CAPÍTULO 9

ANÁLISE COMPARATIVA PARA DETECTAR AUXILIARIDADE VERBAL E PREDICADORES COMPLEXOS

Marcia dos Santos Machado Vieira (*Universidade Federal do Rio de Janeiro,
CNPq/Faperj*)

9.1 INTRODUÇÃO

Uma questão frequente nas aulas de Português diz respeito à dificuldade para definir a que categoria alguns verbos pertencem. Verbo principal? Verbo de ligação? Verbo auxiliar? Existem verbos *mais ou menos* auxiliares? Há outros subtipos de verbos instrumentais? Em alguns casos – como nas sequências *ter/haver + particípio passado*, em estruturas de tempo composto, e *ser + particípio*, em estruturas de voz passiva –, geralmente os alunos não hesitam quanto à classificação das unidades verbais. Suas dúvidas, de fato, começam a aparecer em sequências de verbos como estas:

(1) Uma mãe consciente da importância do aleitamento materno

tenta amamentar seu filho.

quer amamentar seu filho.

consegue amamentar seu filho.

costuma amamentar seu filho.

tem de amamentar seu filho.

há de amamentar seu filho.

fica a amamentar, em lugar de tem de amamentar

esforça-se por amamentar seu filho.

Nesses enunciados (construídos a título de ilustração), há um período simples ou um período composto? As formas sublinhadas exercem papel de *verbo principal*, cujo complemento interno é preenchido por um sintagma oracional com predicador verbal no infinitivo? Ou exercem função associada à de *verbo auxiliar*, que opera sobre um predicador verbal (simples, *amamentar*, ou complexo, *dar de mamar*) no infinitivo formando com este uma unidade verbal complexa (Vauxiliar + Vauxiliado), uma perífrase verbal?

Com que contornos semânticos a predicação se materializa? O estado de coisas pode ser conceptualizado pelo viés da tentativa ou conação/intencionalidade (*tenta/esforça-se* por amamentar), do desejo ou de futuridade (*quer/há* de amamentar), da consecução (*consegue* amamentar), da repetição ou iteratividade (*costuma* amamentar), da obrigação (externa ou interna) ou modalidade deôntica, do dever (*tem* de/que amamentar ou tirar, no exemplo a seguir), da continuidade (*fica* a amamentar).

1 Predicador verbal é sinônimo de verbo principal, verbo pleno, verbo nocional ou unidade verbal predicante (Cf. item 1.3.1).

(2)



2

Temos que tirar deu para acreditar

(3)



3

começa a melhorar

O estado de coisas pode, ainda, ser retratado por seu aspecto inceptivo (*dar para acreditar*, no cartoon de Clóvis Lima, ou *começa a melhorar*, no tweet do Sensacionalista). E, assim, vemos como o verbo se presta à marcação de uma perspectiva ou um matiz na expressão de um estado de coisas num texto.

2 Clóvis Cartoon, 27 de março de 2022, <https://www.facebook.com/profile.php?id=100060760133843>, <https://www.facebook.com/notaterapia/photos/a.1395172920517894/4906731969361954/> / Acesso em: 28 mar. 2022.

3 Sensacionalista, 29/03/2022, <https://blogs.oglobo.globo.com/sensacionalista/post/educacao-esta-sem-ministro-de-bolsonaro-e-ja-comeca-melhorar.html> Acesso em: 29 mar. 2022.

Para além dessas dúvidas, cabe lembrar, ainda, de intuições relacionadas a outros tipos de sequências verbais, ou melhor dizendo, a sequências verbo-nominais. Muitas vezes, o analista (professor e aluno) tem a percepção de que certos verbos chegam a constituir com elementos não verbais unidades funcionais de predicação. Entretanto, como raramente encontra amparo em descrições gramaticais (nem mesmo entre expressões idiomáticas registradas em verbetes de obras lexicográficas) que valide esse tipo de impressão, trata esses verbos como verbos principais. É o que acontece a sequências como:

(4) Há razão para ter medo/preocupação à morte? [ter medo a/de, temer] ou [ter preocupação, preocupar-se]

(5) Por que adolescentes fazem guerra a quem só lhes quer bem? [fazer guerra a, guerrear com]

(6) É preciso pôr freio à corrupção na administração pública. [pôr freio a, (re)frear, conter, reprimir]

Exemplo desse tipo de sequência verbo-nominal em texto pode ser visto a seguir: *dar respeito*, *respeitar*; *prezar*, *ter apreço* ou *estima* por.

(7)



Mesmo Rocha Lima (2005 [1972]: 250) – que menciona as três sequências verbo-nominais como exemplos de “conglomerados constituídos de *verbo* + *objeto direto*, dos quais depende o indireto” – acaba conferindo uma descrição a itens verbais como esses que os aproxima muito mais dos itens da categoria verbo principal. É bem verda-

4 Armandinho, 25 de março de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/> <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.21015315.100005065987619/948291325216174/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

de que tal descrição também encontra, na literatura linguística, defesas nesse sentido, haja vista, a título de ilustração, a classe dos chamados verbos leves, com “propriedades predicativas” na perspectiva de Gonçalves et al. (2010), dentre outros (Raposo et al., 2013).

Essas observações ilustram como o tema da auxiliaridade ainda carece de um tratamento que propicie tanto ao aprendiz quanto ao professor uma iniciação teórica e metodológica que os torne capazes de reconhecer propriedades das construções com verbos auxiliares e, então, descrevê-las nas aulas de Português (língua materna e não materna) ou explorá-las conscientemente nos diversos contextos de interação e produção textual, bem como em contextos em que seja necessária a categorização.

9.2 O TRATAMENTO DA AUXILIARIDADE

9.2.1 O ENFOQUE TRADICIONAL

O assunto tem sido tratado como se as dúvidas a ele relacionadas pudessem ser sanadas de duas maneiras basicamente. Uma delas é simplesmente recorrer a uma obra de consulta lexicográfica ou gramatical, que fornece verdadeiras listas fixando as categorias a que pertence um verbo, como se uma lista de unidades verbais com ou sem função (semi-)gramatical estivesse inequívoca e rigidamente definida *a priori*, ou, ainda, como se nessas unidades houvesse uma espécie de caráter gramatical “imane”nte”. A outra maneira é contar com critérios meramente morfossintáticos, que colaboram para a identificação dos diferentes comportamentos de um verbo: a ideia de que o *verbo auxiliar* é aquele que (i) é empregado para formar locução verbal, uma espécie de combinação com infinitivo, gerúndio ou particípio de verbo principal, com ou sem intermediação de preposição, e (ii) recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo. É, por exemplo, o que se percebe em descrições como a seguinte:

A fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples já estudadas, possuem os verbos alguns tempos compostos, nos quais uma das formas nominais (infinitivo, particípio, ou gerúndio) é acompanhada de outro verbo, chamado AUXILIAR (ROCHA LIMA, 2005 [1972]: 134).

Em muitas obras didáticas, apenas se observam esses dois tipos de informação morfossintática compondo as descrições relacionadas ao tema da auxiliaridade.

Nesse caso, permanece a dúvida sobre como, de fato, se podem distinguir ocorrências de locução verbal de ocorrências em que dois verbos principais aparecem dispostos lado a lado em enunciados em que, à primeira vista, se encontra a estrutura de verbo flexionado nas categorias morfológicas supracitadas seguido de verbo na forma de infinitivo, gerúndio ou particípio. Por exemplo:

(8)



5

Esse tipo de descrição tem feito com que, na tentativa de resolver a dúvida, se busque a solução para a categorização em listas de verbos auxiliares. Só que a delimitação dos elementos que pertencem a essa classe não é unânime, nem se dá fora de contexto. Consequentemente, as listagens que podem servir de referência à consulta diferem de obra gramatical para obra gramatical. Além disso, em algumas obras, distribuem-se, de modo disperso, em diferentes seções (em descrição de verbo ou de colocação pronominal, por exemplo). Na gramática de Rocha Lima (2005 [1972]), há, por exemplo, estas passagens:

“São numerosos os auxiliares em português: querer (quero sair), estar (estou escrevendo), ficar (fiquei a contemplá-la), ir (a tarde ia morrendo), etc.

Estudemos a conjugação dos auxiliares fundamentais que formam tempos compostos (ter e haver) e a voz passiva (ser).” (p. 134).

Em português, esses verbos auxiliares que mais habitualmente REGEM OUTRO VERBO são os seguintes:

5 https://www.rtp.pt/noticias/mundo/quase-meio-milhao-de-pessoas-voltaram-a-ucrania-desde-o-inicio-da-guerra_v1395343. Acesso em: 31 mar. 2022.

poder
saber
querer
dever

chamados 'auxiliares modais' (p. 413)

Jamais deixei de ajudar-te.

Começou a ensinar-lhe português. (p. 454) [deixar de, começar a]

“O morcego vem te chupar o sangue.” (ALENCAR) (p. 455) [vir]

Diante de um quadro de categorização como esse, associado, muitas vezes, a uma descrição que privilegia alguns aspectos morfossintáticos – em detrimento de outros aspectos (morfossintáticos, bem como semânticos) envolvidos na questão da auxiliabilidade –, restará ainda a dúvida sobre como classificar as estruturas de enunciados em que haja verbos que aparecem em umas e não em outras listagens, como QUERER, TENTAR, BUSCAR, PRECISAR (no exemplo a seguir), COSTUMAR, CONSEGUIR, VIVER: estruturariam perífrases verbais ou não?

(9)



6

Outro procedimento nesse enfoque que também chama a atenção é o fato de que, normalmente, a tradição escolar assume a existência de duas grandes classes de verbos: a dos auxiliares e a dos principais.

A classe dos *verbos auxiliares* contempla, tradicionalmente, as unidades linguísticas consideradas não nocionais e de comportamento gramatical, que se combinam com outro verbo (sendo este principal ou mesmo outro verbo auxiliar seguido de verbo principal) formando uma locução, em torno da qual, por sua vez, se organiza uma predicação, uma oração. Esse é o caso, por exemplo, do auxiliar *ter/tinha* em estruturas de tempo composto como *tinha comprado* ou como predicadores explorados no excerto de uma seção de “dicas de Português” de jornal digital brasileiro a seguir:

6 Armandinho, 14 de março de 2022 [tira de 2016], <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/5281634095215187> Acesso em: 29 mar. 2022.

(10) Ele **DISSE** ou **TINHA DITO** que chegaria cedo, mas chegou às 5h? A diferença entre **DISSE** e **TINHA DITO** é o tempo verbal: **DISSE** está no pretérito perfeito e **TINHA DITO**, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. O pretérito perfeito indica uma ação concluída no passado: “Ele disse, saiu, fez...”; o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra ação que já está no passado: “Quando eu cheguei (pretérito perfeito = ação já passada), ele já tinha dito ou dissera ou havia dito, tinha saído ou saíra ou havia saído, tinha feito ou fizera ou havia feito (pretérito mais-que-perfeito = ação anterior à ação já passada)”. Assim sendo, quanto à pergunta do nosso leitor, o mais adequado é: “Ele tinha dito que chegaria cedo, mas chegou às 5h”. A ação de “dizer” é anterior a ação de “chegar”. O pretérito mais-que-perfeito é o passado do passado.⁷

O interessante nesse excerto usado como exemplo é também o fato de ficar evidente que, conforme dito em Machado Vieira (2020, p. 46), há variação linguística manifesta em lugares de prescrição (textos jornalísticos delineados a partir de norma culta padrão, obras gramaticais normativas, por exemplo). A descrição feita alude às variantes lexicais *ter* e *haver* como itens atraídos ao *slot* de auxiliar em construção de pretérito mais-que-perfeito composto, além de às variantes morfossintáticas predicador complexo (*tinha dito*) e predicador simples (*dissera*) que se prestram à sinalização desse tempo verbal.

A classe dos *verbos principais*, por sua vez, compreende as unidades linguísticas nocionais de comportamento lexical, responsáveis pela projeção dos papéis participantes de uma predicação e da configuração semântica e sintática básica desta. É o caso de *comprar/comprado* no exemplo anterior ou o de *dizer, querer, enviar* no exemplo a seguir:

(11)



O enfoque tradicional contempla, ainda, os *verbos de ligação* entre os de inclinação auxiliar/instrumental, que se relacionam a um *predicativo do sujeito*, quer dizer, um elemento adjetival ou nominal com função predicante. É o caso, por exemplo, do verbo *ser/é*, que, na tirinha, relaciona o sintagma nominal “o critério da verdade” como predicativo do termo de natureza nominal com função de sujeito “a prática”, a caracterizar este. Porém, em geral, trata dessa categoria ainda mais superficialmente do que

⁷ Sérgio Nogueira, O Globo, 15/08/2012, Conheça os sete pecados da crase, <https://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/31.html> Acesso em: 29 mar. 2022.

⁸ Armandinho, 16 de março de 2022, <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/5285908058121124/> Acesso em: 29 mar. 2022.

aborda a de verbo auxiliar. Não é raro encontrar o assunto apenas mencionado quando a obra apresenta a possibilidade de configuração de predicados nominais. Então, há alusão a esses verbos na meta de explicitar a configuração destes. E, geralmente, muitas descrições limitam-se a explorar adjetivos ou sintagmas adjetivais nesse lugar de predicativo.

Nesse sentido, esse enfoque não contempla os casos intermediários entre verbos principais e verbos auxiliares: os verbos semiauxiliares, que se situam em um *continuum* de gramaticalização entre as categorias de verbo predicador e verbo auxiliar (casos de semigramaticalidade). Muito menos aborda os casos de verbos cuja função é operar gramaticalmente sobre elementos auxiliados de *natureza não verbal*, constituindo com estes uma unidade complexa (*verbo + elemento não verbal* ou, abreviadamente, *V+ñV*), para a qual pode haver uma forma simples correspondente. Para exemplificar isso, há estas perífrases com verbo suporte: “fazer menção” (“mencionar”), “ter respeito” (“respeitar”), “dar voto” (“votar”), “dar uma freada” (“frear”), “pôr medo” (“amedrontar”), ou ainda “tomar conta”, “passar carão”, “passar fogo”, “pegar confiança”, “levar um fora”, “levar uma fechada”, entre tantas outras. É inegável que, nessas construções, os verbos têm um papel auxiliar, uma vez que servem de reforço ao sentido da predicação definido principalmente pelo elemento não verbal da estrutura perifrástica e de suporte ou apoio para a expressão das categorias gramaticais de tempo, modo, número e pessoa.

A disparidade entre as classificações de verbos instrumentais existentes em livros didáticos e obras gramaticais pode ser consequência de fatores diversos, como: (i) analisar conjuntos de dados diferentes; (ii) examinar a amostra de dados com base em múltiplos critérios nem sempre coincidentes (visto que foram definidos a partir de princípios teóricos distintos) ou, muitas vezes, pouco rigorosos (já que nem sempre se aplicam exaustivamente aos dados); e (iii) não considerar um *continuum* intercategorial, ou seja, graus intermediários entre as classes de verbos estudadas. O quadro que aqui brevemente se delineou mostra que a questão é complexa e carece de um tratamento que se dê noutros moldes.

9.2.2 O ENFOQUE DE GRAMÁTICAS DESCRITIVAS

Também a consulta a gramáticas descritivas do Português evidenciará diferenças quanto aos verbos citados como auxiliares, como se pode visualizar no quadro a seguir, que procurou reunir exemplos desse tipo de item linguístico, encontrados em quatro obras:

| Mateus et al (2003) | Ilari e Basso (2008) | Castilho (2010) | Raposo (2013) |
|---|---|---|--|
| Ter DO Haver DO Ser DO Estar DO/a R Ficar DO/NDO Ficar a/por R Começar a/por R Começar NDO Ir R Continuar a R Continuar NDO Chegar a R Acabar de/por R Deixar de R Tornar a R Poder R Dever R Haver de R Ter de/que R, entre outros verbos. | Ter DO , Haver DO, Ser DO, Ser de R, Ficar DO/NDO/ a R, Começar NDO/ a/por R, Pôr-se a R, Pegar a R, Deitar a R, Desandar a R, Desatar a R, Passar a R, Pegar a R, Cair a R, Ir R/NDO, Vir (a) R/NDO, Estar NDO, Viver NDO, Andar NDO, Continuar a R/NDO, Seguir NDO, Permanecer NDO/DO, Chegar a R, Terminar de/por R, Acabar de/por R, Parar de R, Deixar de R, Cessar de R, Poder R, Dever R, Haver de R, Ter de/que R, Conseguir R, Querer R (perífrase de volição), Desejar R, Pretender R, Costumar R (de iteratividade), Viver a R, Habituarse a R, Tentar R (perífrase de incerteza), Saber R (perífrase de certeza), Esforçar-se por R (de sentido conativo), entre outros verbos. | Ter DO , Haver DO, Ser DO, Estar DO, Ficar DO/NDO/ a R, Principiar a R, Começar NDO / a/por R, Pôr-se a R, Pegar a R, Deitar a R, (A)garrar (a) R, Desandar a R, Desatar a R, Passar a R, Pegar a R, Cair a R, Ir R/NDO, Vir (a) R/NDO, Estar NDO / a/por R, Viver NDO, Andar NDO, Continuar NDO / a R, Seguir NDO / a R, Chegar a R, Terminar de/por R, Acabar de/por R, Deixar de R, Cessar de R, Poder R, Dever R, Haver de R, Ter de/que R, Querer R (perífrase de volição), Desejar R, Pretender R, Costumar R (de iteratividade), Viver a R, Habituarse a R, Tentar R (perífrase de incerteza), Saber R (perífrase de certeza), Esforçar-se por R (de sentido conativo), entre outros verbos. | Ter DO, Ser DO, Haver de R, Poder R, dever R e Ter de/que R, Estar NDO/ a R e Continuar NDO/ a R, Começar a R, Acabar de R e deixar de R, Ficar NDO/ a R e passar a R, Andar a R, Voltar a R e tornar a R, Chegar (a) R, Ir R/NDO e Vir (a) R/NDO, Querer e parecer R, Ameaçar R _{meteorológico} entre outros verbos. |

Quadro 1. Elenco de verbos (semi)auxiliares citados em obras gramaticais descritivas do Português.

Fonte: Machado Vieira (2015).

Naturalmente, o tratamento do assunto nessas obras é completamente diferente. Em linhas gerais, pode-se destacar que, além de haver nelas uma preocupação com o detalhamento dos critérios de auxiliabilidade que servem à análise e à categorização dos verbos e até com a maneira com que se opera com eles nesse processo (cf. ILARI & BASSO, 2008), tais obras lidam com os mais diversos aspectos envolvidos em complexos verbais ou verbo-nominais.

9.2.3 A PROPÓSITO DE OUTRA POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO DIFERENTE DA TRADICIONAL

Quanto mais se vasculha o tema, mais se descobre que ele se vincula a um território profícuo em fragilidades, sutilezas e indeterminações, que, não raras vezes, causam aos interessados no assunto um sentimento de desconforto em relação ao instrumental metalinguístico de análise e descrição do tópico.

Assim sendo, para o tratamento rigoroso desse tópico linguístico, cabe àquele que pretende enveredar em tal território primeiramente conhecer um conjunto de propriedades que possibilitem uma coerente categorização de usos de formas verbais, separando os de caráter gramatical daqueles de caráter semigramatical e daqueles de

caráter lexical, ou seja, respectivamente verbos auxiliares, semiauxiliares e predicadores. Com base nesse conhecimento, resta-lhe explicitar as propriedades de *auxiliaridade* contempladas em sua análise e descrição.

Desse tratamento, certamente resultarão classificações ora convergentes ora divergentes, em decorrência da natureza (semântica e/ou morfossintática) dos critérios considerados e/ou priorizados, das opções teórico-metodológicas quanto à seleção e à análise da amostra de dados, das decisões descritivas e explicativas tomadas nos casos de dúvida/fronteira entre uma e outra (sub)classificação estabelecida. Com certeza, resultará uma categorização pautada em um maior nível de consciência a respeito dos critérios pelos quais se pode pautar um estudioso da sintaxe dos verbos (professor ou aluno) e, em consequência disso, uma classificação provavelmente (mais) rigorosa e pertinente/abrangente, além de empiricamente delineada via comparação de usos atestados na experiência (se possível, a mais diversa).

Importa lidar com o assunto de uma maneira que permita ao interlocutor – no caso da sala de aula, ao aluno: (re)conhecer o instrumental de análise e interpretação de (sub)categorias verbais; perceber e explicitar as relações de similaridade e dessemelhança entre definições, categorias e unidades linguísticas; examinar dados da língua em uso; e refletir sobre os limites e a pertinência das descrições que são levadas a cabo. Enfim, importa tornar o espaço dedicado ao tratamento do assunto convidativo ao raciocínio e à atividade metalinguística e, assim, criar um contexto propício a benefícios pedagógicos.

9.3 PARA O TRATAMENTO DA AUXILIARIDADE

9.3.1 PARA INÍCIO DE “CONVERSA”: SETE PONTOS DE PARTIDA PARA A DESCRIÇÃO E A CATEGORIZAÇÃO DE FORMAS VERBAIS

9.3.1.1 A relação entre Sintaxe e Semântica/Função

Não se pode perder de vista a relação entre Sintaxe e Semântica. Nem sempre essa relação está livre de problemas, mas nem por isso deixa de ser fundamental para o tratamento de um assunto dessa natureza. O pareamento de atributos de forma e função (semântica, discursiva, pragmática, social, cognitiva) é basilar à concepção de língua como uma gramática de construções interconectadas.

A categorização morfossintática de um verbo tem de ser definida em virtude do enunciado em que ocorre, do significado que emerge neste. A atualização de determinados empregos de um verbo vincula-se ao contexto discursivo-pragmático, como se demonstra nos exemplos a seguir:

(12a) É tamanha a especialização que há um funcionário na seção de testes desta fábrica de brinquedos só para abrir mão de bonecos. (abrir = verbo predicador)

(12b) No Natal, esse garoto não abre mão de bonecos. (abrir = verbo suporte / [abrir mão]predicador complexo)

(13a) Pedro deixou o colega aborrecido. (deixar = verbo suporte (causativo))

(13b) O professor deixou de sair com os colegas. (deixar = verbo semiauxiliar (com noção de fase final de um estado de coisas, aspecto terminativo))

(13c) O professor deixou correr solto o debate. (deixar = verbo semiauxiliar (causativo))

(13d) Daniel deixou a casa dos pais. (deixar = verbo predicador (movimento))

(14a) Essa menina anda preguiçosa. (andar = verbo de ligação ou verbo relacional)

(14b) Essa menina anda estudando pouco. (andar = verbo (semi-)auxiliar (duração))

(14c) Essa menina já anda sozinha. (andar = verbo predicador (movimento))

A permuta de um verbo (semi-)gramatical por outro acarreta efeitos de sentidos distintos. Logo, atende a finalidades discursivas distintas, como se nota nos exemplos a seguir:

(15) Pedro deu/fez parte da equipe de futebol.

(16) Essa menina é/está/continua/anda/vive preguiçosa.

(17) O professor deixou/parou/acabou/tem de sair com os colegas.

É importante levar o aluno a ter consciência da relação entre o componente semântico-discursivo e as escolhas por determinadas estruturas morfossintáticas e por um ou outro verbo auxiliar/suporte/relacional ou de ligação, explorando-se textos orais e escritos.

Entre outros procedimentos, o professor pode trabalhar com textos que revelem isso também via múltiplas linguagens, multissemióticas. Lembramos, por exemplo, o caso de um anúncio publicitário de cerveja, veiculado na TV, que explorou, além de um olhar machista da mulher na publicidade, os matizes semânticos proporcionados pelos verbos PODER e IR: possibilidade e probabilidade futura praticamente certa. A cena passa-se na praia e envolve um homem e uma mulher, ambos figuras da TV conhecidas. A mulher pede uma Boa [cerveja], que é posta no balcão. Ao tentar alcançar um copo de cerveja no balcão de um quiosque, sua saia fica presa a uma cadeira. Então, tem dificuldade de alcançar o copo. Ao ver a cena, o homem, movimenta-se em direção ao copo e lhe diz que “assim sua saia **pode** rasgar”. Acreditando que ele a ajudará a alcançar o copo de cerveja e a evitar que sua saia rasgue, ela espera, mostrando, por linguagem verbal e não verbal, comoção com a gentileza. Em seguida, o homem afasta ainda mais o copo de cerveja da mulher e, então, diz: “assim, ela **vai** rasgar, com certeza”.⁹ Ressaltamos o jogo entre “poder” e “ir” na esfera expressiva de futuridade via predicador complexo.

9 Cf. LIMA, Juliana Acioly. A imagem do feminino na publicidade contemporânea: estudos de casos.

O professor pode trabalhar, por exemplo, finalidades discursivas para as quais a opção por perífrases pode ser considerada mais indicada, como as seguintes: reforço de um determinado sentido do evento descrito; obtenção de um determinado efeito de sentido, não ou dificilmente alcançado mediante outro mecanismo; ou simplesmente necessidade de variar a expressão linguística (de versatilidade na construção textual). Com a opção por enunciados, como *O professor pôs/deixou a turma apavorada* e *A imprensa fez saber a verdade ao povo*, é possível reforçar o caráter causativo, efeito que não é tão transparente com variantes simples (“apavorou” ou “informou”). Em *O professor deu uma olhada/conferida no texto do colega*, sobressai o aspecto superficial e ligeiro do evento, que não é recuperado por uma forma simples equivalente. Nesse caso, possivelmente o recurso a um adjunto adverbial (*rapidamente, por alto*) é uma alternativa de configuração morfossintática no sentido da sinalização desse tipo de actualidade.

9.3.1.2 Uma proposta de categorização escalar dos verbos com caráter instrumental: de membros com configuração prototípica a membros menos exemplares da categoria

Auxiliaridade é um processo gradual de gramaticalização a que se submetem determinados empregos primariamente lexicais dos verbos: de verbo com comportamento lexical (verbo principal ou predicador) a verbo com comportamento semigramatical ou gramatical (verbo semi-instrumental ou instrumental). *Auxiliaridade* é a condição (estrutural e conjuntural) resultante desse processo. Isso ocorre quando itens verbais se combinam a *slots* em construções procedurais por serem normalmente atraídos para esses lugares ou por serem eventualmente coagidos ao comportamento nesses lugares. Nesse processo, o verbo que assume comportamento (semi-)gramatical tem enfraquecida ou perde sua função de predicar e passa a exercer o papel de marcador gramatical de tempo, modo, modalidade, aspecto e/ou voz, além de indicar número e pessoa. Em alguns casos, a identificação de verbos com comportamento gramatical é mais nítida. Em outros, a identificação é muito difícil ou até não é possível tomar decisão quanto ao caráter do verbo. Alguns verbos são produtivamente usados na língua como auxiliares. Outros, só ocasionalmente. Assim sendo, esse é um terreno em que o analista da língua nem sempre tem muitas certezas. Isso explica a existência de pontos de vista às vezes totalmente distintos quanto à classificação dos verbos.

Ao lidar com um assunto complexo como esse, é natural haver dúvidas na análise e fragilidade descritiva. Mascara essa situação prejudica tanto o aluno quanto o professor, porque os engana, não lida com a complexidade da língua, não conduz à reflexão sobre as (sub)categorias do verbo baseada em critérios linguísticos, nem confere a esse trabalho maior rentabilidade didático-pedagógica.

9.3.1.3 Predicação: predicador e construção

Os estados de coisas são expressos via predicções. E os predicadores (simples ou complexos) são os elementos que projetam uma estrutura de papéis participantes que se podem ligar, por atração ou coerção, a uma estrutura de argumentos com perfil gramatical impessoal ou pessoal, de um lado, e intransitivo ou transitivo, de outro.

Em muitas propostas funcionalistas, por exemplo, a de Dik (1997), a predicação é considerada uma peça fundamental da organização textual, a base da construção semântica de uma expressão linguística, de um enunciado. Outra consideração também evidente nessas propostas é a centralidade do verbo/predicador na configuração de uma oração e o acionamento de uma estrutura de participantes/termos.

Predicação é, geralmente, concebida como um fenômeno que lida com a sentença como estrutura semântica e estrutura gramatical.¹⁰ Assim, a uma estrutura semântica de papéis temáticos corresponde uma estrutura sintática de argumentos, que, por sua vez, é viabilizada mediante a projeção de sintagmas, unidades linguísticas ou arranjos linguísticos de estruturação.

O termo “predicador” (e, muitas vezes, “predicado”) é utilizado para indicar uma unidade estrutural que tem a função de predicar: (i) designar propriedade/atributo de um participante (no caso de verbos que exprimem estado) ou uma relação semântica entre participantes (no caso de verbos transitivos diretos de ação, entre outros); e (ii) especificar uma configuração argumental básica (o número de argumentos/participantes, a relação gramatical/sintática entre eles e as restrições de seleção semântica dos termos que ocuparão as posições argumentais). Em outras palavras, corresponde a uma unidade (simples ou complexa, quando constituída por verbo suporte, por exemplo) que faz exigências quanto à estruturação da predicação, da sentença. Observe-se, a título de ilustração, o verbo *sorrir/dar um sorriso/dar uma sorrída*, como aparece no exemplo:

10 E ainda pode ser entendida como lidando com a sentença também como uma estrutura discursiva dos participantes da enunciação.

(18)



11

Nesse tipo de uso, o predicador “deu uma sorrída” requer apenas um argumento com o papel semântico de agente, com a relação sintática de sujeito e a configuração semântica de referente humano e, sobre este, predica um evento ativo (caracterizado pelas propriedades de [+ controlado], [+ dinâmico] e [+ momentâneo]), segundo a tipologia de predicados de Dik (1997)). Machado Vieira (2018) expõe mais informações sobre predicadores como esse.

No enfoque tradicional da gramática, normalmente são descritos três tipos de predicado: (i) verbal; (ii) nominal; e (iii) verbo-nominal. Essa classificação põe em evidência que, na verdade, tanto elementos de natureza verbal quanto elementos de natureza não verbal podem ser centrais no fenômeno semântico-sintático da predicação e, então, fazer exigências quanto à estruturação de argumentos da sentença.

9.3.1.4 O caráter multifuncional de verbos do Português

Um ponto negativo de certas metodologias de ensino/descrição diz respeito a um tratamento dos verbos em que se perdem as noções de variação e de polifuncionalidade das unidades linguísticas, dos vocábulos, que se combinam a diferentes padrões construcionais de predicador (simples ou complexos).

O falante conta com elementos da língua para comunicar-se. Em virtude de uma necessidade de comunicação, para criar um determinado efeito de sentido, ele recorre aos itens linguísticos e pode conferir-lhes distintos papéis a depender da ligação que façam a uma ou outra construção gramatical de predicador e predicação. Observem-se alguns exemplos a seguir:

11 <https://twitter.com/mallmkt/status/593002542243643392/photo/1>. Acesso em: 31 mar. 2022.

| Extensões semântico-sintáticas de alguns verbos: ter, virar, viver, ir, levar, querer, ser, ficar, fazer. | | | |
|---|--|--|--|
| Vpredicador | Vinstrumental | | |
| | de ligação | suporte | (semi)auxiliar |
| A criança tem muitos brinquedos. | | A criança tem necessidade de brincar. | Essa criança tem de brincar. Essa criança tem aprendido muitas travessuras. |
| O menino virou a moeda. | O medo virou esperança. | Ele virou a casaca. Agora é Botafogo. | |
| João vive em Natal. | José vive insatisfeito. | | Seu carro vive enguiçando. |
| Ela vai ao cinema. | | | Ela vai encontrar o namorado. |
| A mãe levou o menino ao hospital. | | O menino levou um tombo/susto. | Sua atitude levou -me a pensar no assunto. |
| Quero sorvete. | | | Quero pensar no assunto. Hoje quer chover. |
| Era uma vez... | Carlos é estudante. | | A carta foi escrita por ele. |
| Ficou a esperança de dias melhores. O menino ficou lá. | O menino ficou calado (permaneceu como estava). | O menino ficou calado (calou-se). | O professor ficou de avaliar o caso. Ficou pensando no assunto. |
| Marta fez um bolo. Fiz 120 km/h. | O medo fez-se esperança. | Marta fez menção ao bolo. | O vestido fez realçar a beleza de Marta. |

É importante observar o contexto de uso das formas verbais para, então, categorizá-las. Afinal, sua funcionalidade emerge em (con)texto. Uma determinada unidade verbal pode ser empregada para diversas funções na língua: verbo predicador plenamente configurado (“Marta fez um bolo.”) ou não (extensão de sentido de comportamento lexical, “Fiz 120 km/h.”) ou verbo (semi-)gramatical (verbo auxiliar típico ou não; neste caso, verbo semiauxiliar, verbo de ligação ou verbo suporte). De acordo com o princípio de divergência descrito por Hopper (1991), uma extensão de sentido/uso gramatical pode coexistir com um emprego lexical de uma unidade linguística. O verbo predicador *fazer* (forma autônoma com valor referente à atividade/ação de “criar ou dar existência a”), por exemplo, convive com seus empregos que são associados às categorias verbo suporte (espécie de “formante derivacional” que promove a formação de um predicador complexo) e verbo semiauxiliar, além de coexistir com seu uso de predicador não pleno (em suas extensões semânticas, como no segundo exemplo de *fazer* da primeira coluna do quadro anterior).

9.3.1.5 O conceito de auxiliaridade

Norteiam essa descrição basicamente duas noções de *auxiliaridade/auxiliarização*. Entende-se *auxiliarização* como um processo de gramaticalização que atua sobre formas verbais e que implica a associação de usos dessas formas ligadas normalmente à categoria lexical (verbo predicador) a uma categoria gramatical (verbo auxiliar, semiauxiliar, de ligação ou suporte), sob certas condições semânticas e morfosintáticas.

Em sentido lato, toma-se, então, o termo *auxiliaridade* para nomear o comportamento instrumental que uma unidade verbal pode desempenhar num *continuum* de empregos na língua. A *auxiliaridade* tanto pode incidir sobre um verbo gramatical que se junta a um outro verbo (este de caráter lexical), formando uma sequência de verbos (*Vauxiliar + Vauxiliado*),¹² quanto sobre um verbo gramatical que se alia a um elemento de natureza não verbal (sintagma nominal, adjetival, preposicional, adverbial), formando com este uma sequência verbo-nominal (*Vauxiliar + ñVauxiliado*): *dar queixa, dar ruim, tornar disponível, levar em conta, fazer mal, ser mais* (no sentido de *preferir*). Então, qualquer uma das quatro classificações verbais com que se trabalha aqui (auxiliar, semiauxiliar, de ligação ou suporte) tem, em sentido amplo, comportamento auxiliar (ou instrumental).

Em sentido estrito, o termo *auxiliaridade* é utilizado para designar os casos em que as unidades verbais demonstram comportamento gramatical mais típico e atuam sobre elementos verbais, constituindo com estes locuções verbais. É por isso que o rótulo “auxiliar” é empregado em duas das quatro classificações de verbos instrumentais supracitadas: verbos auxiliares e semiauxiliares.

Isso se deve ao fato de se ter optado pela manutenção dos rótulos com que as obras gramaticais e/ou didáticas costumam denominar as classes de verbos: (semi-)auxiliar, de ligação. Na classificação aqui feita, esses termos são utilizados estritamente para nomear classes gramaticais de verbos específicas (o primeiro para as que operam sobre outra forma verbal (+ *Vauxiliado*), o segundo e, ainda, o termo verbo suporte, para as que se ligam a uma forma não verbal (+ *ñVauxiliado*)), embora todos eles, em sentido lato, revelem, em maior ou menor grau, comportamento auxiliar/instrumental.

9.3.1.6 A abrangência do termo “perífrase verbal”

Uma estrutura perifrástica formada de *elemento verbal auxiliar + elemento (verbal ou não) auxiliado* pode apresentar diferentes graus de integração. A ordem das unidades que compõem essas estruturas não é, apesar de obras gramaticais lançarem mão

12 A sequência em *auxiliação* pode ser composta por mais de um V(semi-)gramatical, haja vista a possibilidade de predicacões, como: “Pedro deve ter estado estudando até tarde”, “Ele vai ser médico”, “Ela deve fazer limpeza na casa”. No primeiro exemplo, a sequência é composta de quatro verbos, três dos quais têm comportamento gramatical (semiauxiliar, auxiliar, semiauxiliar). A segunda é composta de verbo semiauxiliar e de verbo relacional. E a terceira, de verbo semiauxiliar e verbo suporte.

dela, um critério de rendimento funcional inequívoco: nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal.

Construções, como *A filha partiu chorando* e *As crianças falam sonhando* apresentam-se na mesma ordem e não contêm um verbo auxiliar; a primeira forma flexionada e a segunda não flexionada mantêm sua natureza lexical, de verbos principais. Soma-se a isso o fato de que até uma estrutura perifrástica prototípica admite a dissociação de seus componentes por conta da inserção de determinados elementos discursivos (*Tinha sempre feito tudo que estava ao seu alcance*). Segundo Bechara (1999:112), a intenção do falante é que determinará a existência de uma locução em casos de aproximação de dois ou mais verbos. Isso pode ser percebido pela comparação de enunciados citados pelo gramático, empregados para a obtenção de efeitos de sentido distintos, como: *Queríamos [colher rosas (e não fazer outra coisa)]* e *Queríamos colher [rosas (e não outra flor)]*.

Partindo-se do pressuposto de que um verdadeiro complexo verbal perifrástico possui *unidade semântica, sintática e funcional* (cf. Barroso, 1994: 61), reserva-se o termo *locução verbal/verbo-nominal* para denominar as estruturas perifrásticas exemplares (com configuração prototípica), cujos componentes apresentam maior grau de integração e significação (praticamente) indissolúvel. Atribuem-se outras designações mais genéricas – como, *complexo verbal* e *unidade verbal complexa/verbo-nominal* – às estruturas perifrásticas cujos componentes têm menor grau de coesão e possibilidade de significação disjunta. O termo perífrase, ou ainda *predicador complexo (verbal/verbo-nominal)*, é, portanto, usado em ambos os casos. O que diferencia esses casos é o estatuto morfossintático de seus componentes, bem como a natureza (mais ou menos integrada) e o efeito de sentido do vínculo entre eles, de seu grau de não-composicionalidade.

9.3.1.7 Parâmetros básicos para a identificação de sequências em auxílio (Elemento auxiliar + Elemento auxiliado (este de natureza verbal ou não))

O ponto de partida para a identificação e a delimitação de verbos em relação aos quais é possível cogitar algum potencial de *auxiliaridade* está nos seguintes parâmetros de análise e descrição, a serem destrinchados na próxima seção:

(i) *as estruturas em que ocorrem tais verbos são instâncias de períodos simples, ou podem ser interpretadas como tal;*

(ii) *o principal elemento responsável pela predicação (com função predicante, que determina o esquema predicativo¹³ e designa propriedade de um participante ou relação entre entidades participantes) pode ter natureza verbal, nominal ou adjetival;*

13 **Esquemas predicativos:** padrões de organização de predicações, que fornecem informação sobre (i) número de argumentos do predicador (Arg_n), (ii) relação gramatical dos argumentos (Sujeito, Objeto), (iii) condições semânticas necessárias para a inserção dos termos que ocuparão as posições argumentais (Agente/Paciente; Animado/Inanimado), entre outras.

[predicador_[Verbal, Nominal ou Adjetival] (Arg_n: termo¹⁴)]_{Predicação}
 Plantar/Destruir_V (Arg₁)_{Sujeito Agente/Força} (Arg₂)_{Objeto Tema}
 Plantação/Destruição_N (Arg₁)_{Agente/Força} (Arg₂)_{Tema}
 Plantado/Destruído_A (Arg₁)_{Tema} (Arg₂)_{Agente/Força}
 Alegre_A (Arg₁)_{Tema}

(iii) quanto mais depende de um constituinte adjacente (“predicante” ou com tal função em potencial), tanto mais um verbo se afasta de seu caráter lexical e assume função gramatical;

(iv) quanto menos colabora para impor restrições de seleção semântica e/ou atribuir papel temático (de agente, tema, paciente, entre outros)¹⁵ ao constituinte que tenha relação gramatical de Sujeito com o núcleo da predicação, maior o caráter auxiliar da forma verbal; e

Exs.: FAZER_[Vpredicador] (Arg₁: animado)_{Sujeito Agente} (Arg₂: inanimado)_{Objeto Tema}

Joana fará caixas de presente.”

DAR_[Vpredicador] (Arg₁: animado)_{Sujeito Agente} (Arg₂: inanimado) Objeto Tema
 (Arg₃: animado)_{Objeto Beneficiário}
 “Pedro deu flores à mãe.”

LEVAR_[Vpredicador] (Arg₁: animado)_{Sujeito Agente} (Arg₂: animado)_{Objeto Paciente}
 (Arg₃: inanimado)_{Objeto Origem} (Arg₄: inanimado)_{Objeto Destino}
 “Pedro levou Maria do gabinete do diretor ao auditório.”

- 14 **Termo/Argumento:** elemento cujo papel é indicar um participante (função referencial). Num exemplo como *O pedreiro Augusto construiu casas bonitas*, “O pedreiro Augusto” e “casas bonitas” são os termos com os quais são preenchidos os lugares sintáticos projetados pelo predicador *construir*.

João e casas = “núcleos de termos distintos” – função referencial

Fazer = predicador verbal – função predicante

Bonitas = atributo – função atributiva

- 15 Exemplos de **PAPÉIS TEMÁTICOS** ou **FUNÇÕES SEMÂNTICAS** (relações semânticas entre predicadores (simples ou complexos) e seus Argumentos – sujeito e/ou complemento(s):

Agente – entidade-participante responsável (intencional) pela ação/atividade (Ex.: Rita correu em direção à mãe.)

Paciente – entidade-participante (normalmente animada) que sofre uma ação/atividade (Ex.: Rita foi mordida pelo cão.)

Tema – entidade-participante primariamente envolvida num estado (numa circunstância) ou que é efetuada/deslocada por uma operação, sob o controle de um Agente (Exs.: O quadro foi pintado por Rita. / Rita é estudante.)

Força – entidade-participante responsável (não intencional) pelo evento/estado de coisas (Ex. A tempestade causou muito pânico.)

Experienciador – entidade-participante que experimenta algum estado (psicológico) (Ex.: Rita escutou seu pedido de auxílio.)

Posicionador – entidade-participante que controla/escolhe uma posição (Rita ficou em casa.)

Beneficiário/Receptor – entidade-participante para a qual algo é transferido e que, desse modo, se beneficia da ação expressa no evento. (Exs.: Rita ganhou/recebeu muitos livros. / Minha mãe preparou uma festa surpresa para Rita. / Enviei uma mensagem à Rita.)

(v) quanto maior a extensão de seu território de atuação, ou seja, a possibilidade de se combinar com elementos auxiliados que apresentem qualquer configuração semântica (verbos que expressem qualquer tipo de evento – ação, processo, estado –, sintagmas não verbais concretos ou abstratos, animados ou inanimados, entre outros) e/ou sintática (verbos principais de estado, atividade, processo, posição; intransitivos ou transitivos; sintagmas nominal, adjetival, preposicional, adverbial), maior seu caráter instrumental.

9.4 PARA A ANÁLISE COMPARATIVA DOS (SUB)TIPOS DE VERBOS GRAMATICAIS E DE CONSTRUÇÕES DE PREDICADORES COMPLEXOS (VERBAIS OU VERBO-NOMINAIS)

9.4.1 VERBOS (SEMI-)AUXILIARES

9.4.1.1 Propriedades de *auxiliaridade*

Para a identificação de sequências verbais em auxílio e a caracterização morfo-sintática e semântica de uma forma verbal como verbo auxiliar, há diversos fatores a serem considerados. É da multiplicidade de critérios que advêm os diferentes inventários de verbos auxiliares correntes em materiais didático-pedagógicos. À luz de alguns dos importantes estudos sobre o assunto – especialmente dos trabalhos de Lobato (1975), Gonçalves (1992) e Gonçalves e Costa (2002) –, são apresentados aqui onze critérios de *auxiliaridade*, que, tomados em conjunto, na comparação de usos verbais possibilitam ao professor e ao aluno delimitar com rigor a classe de verbos auxiliares prototípicos (em sentido estrito) e contribuem para que sejam identificadas subclasses de verbos semiauxiliares (também “auxiliares”, em sentido lato):

9.4.1.1.1 Atuação sobre outro(s) verbo(s) num só domínio de predicação

Um verbo auxiliar ocorre em construções em que existe apenas um domínio predicativo, ou seja, uma predicação cujo núcleo é uma locução/perífrase formada de um ou mais verbo(s) (semi-)auxiliar(es) que precede(m) um verbo predicador (verbo auxiliado), ou seja: uma sequência de pelo menos dois verbos em *auxiliação* – V(semi-)auxiliar e Vauxiliado – que constituem uma unidade sintática. O verbo predicador, que pode ocorrer na forma de infinitivo, gerúndio ou particípio, é o responsável por: projetar o número de argumentos da predicação, estabelecer a relação gramatical dos argumentos com o núcleo predicador, impor as condições semânticas necessárias para a inserção dos termos que ocuparão as posições argumentais, expressar um estado de coisas sobre a(s) entidade(s)-participante(s) – uma propriedade de uma entidade (ou mais entidades) ou a relação entre entidades.

Pode-se observar essa característica em enunciados como:

(19) As chuvas intensas [**têm destruído**] plantações no interior de São Paulo.

(20) Certos políticos [**haverão lembrado**] de velhas reivindicações do povo.

[Vauxiliar + Vpredicador] = unidade sintática

Um verbo auxiliar também pode ocorrer numa sequência formada por duas ou mais unidades com comportamento gramatical e uma unidade com comportamento lexical de verbo predicador.

(21) Quando meu filho nascer, certamente [**vou ter escrito**] muitas páginas deste diário sobre minha gravidez. Assim, se tiver interesse, ele [**poderá ficar sabendo**] como foi a gestação.

[V(semi-)auxiliar + V(semi-)auxiliar + Vpredicador]

A sequência em que ocorre(m) verbo(s) (semi-)auxiliar(es) pode ser ainda constituída de perífrase com verbo suporte ou com verbo de ligação:

(22) Este artigo **poderá vir a fazer parte** da obra que, em breve, **vai estar pronta**.

[V(semi-)auxiliar + V(semi-)auxiliar + Predicador verbo-nominal]¹⁶

9.4.1.1.2 Alteração semântica

Ao se submeter à gramaticalização ou convencionalização como recurso gramatical, um verbo tem sua acepção primária de verbo predicador alterada e, em decorrência de um processo de reconfiguração semântica, sua área de atuação semântico-sintática amplia-se quando passa a desempenhar papel instrumental na língua: matizar semanticamente o verbo principal ao qual se liga. É o caso, por exemplo, do verbo TER nestes exemplos, em que marca estados de coisas que se repetem no tempo (aspecto iterativo):

(23) [**Tenho** escrito] cartas. (emprego diferente do em “*Tenho [cartas escritas]*”.)

(24) O professor Pedro, diretor da Faculdade de Direito, **tem** participado de todas as reuniões do sindicato.

É o caso também de VOLTAR e IR em sentenças como *Voltei a/Vou ler ‘O nome da Rosa’*, em que *voltar* e *ir* perdem o vínculo com a acepção de ‘movimento no espaço geográfico’ (que, por exemplo, aparece no exemplo (8) oriundo de notícia jornalística da RTP, em que também há o predicador variante *regressar*). E, nessa construção, indicam ‘movimento no tempo’ e sinalizam: “repetição/retomada de um estado de coisas sem a ideia de frequência”, no caso do primeiro verbo; e “evento futuro ou prestes a começar”, com o segundo.

É o caso ainda de DAR em sentenças como *Do nada ele deu de falar mal de todos na reunião*, em que *dar* deixa de ser associado à acepção de ‘transferência’ e passa a indicar “os primeiros momentos de um estado de coisas” (também no exemplo (2), [*dar para Vinfinitivo*]).

16 *Fazer parte* e *estar pronta*, em que *fazer* é verbo suporte e *estar* é verbo de ligação ou verbo relacional.

Em geral, o verbo auxiliar típico é caracterizado como uma unidade da língua que não possui valor lexical no mundo biossocial (valor referencial), mas instrumental no sistema linguístico. É a extensão de uso que se especializa na marcação de categorias gramaticais: pessoa, número, tempo, modo, modalidade, voz e aspecto. Por conta disso, há itens verbais que se especializam na indicação:

(i) do momento do evento descrito relativamente à situação de enunciação, situando o momento da ocorrência do evento que se predica em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse momento – *Ele tinha escrito o artigo. Ele está escrevendo o artigo. Ele vai escrever o artigo;*

(ii) da duração ou do desenvolvimento ou completamente de um estado de coisas – *Ele vive escrevendo artigo. Ele chegou a escrever o artigo.*

Apesar de muito produtivo, há restrições quanto à aplicação desse critério de *auxiliaridade*, pelo fato de nem sempre viabilizar a categorização inequívoca dos verbos auxiliares.

Há determinados usos verbais que, apesar de citados em compêndios como (semi-)auxiliares, não se submetem da mesma maneira a um processo de desgaste semântico. É o caso de unidades, como COMEÇAR (A), TERMINAR (DE), QUE-RER, TENTAR, CONSEGUIR – que mantêm seu significado primário (quase) inalterado.

Há, ainda, alguns verbos rotulados tradicionalmente de auxiliares que, a depender da finalidade discursiva, revelam, ou até congregam, mais de um valor distinto. É o que ocorre, por exemplo, com PODER no enunciado *O professor Pedro pode ser porta-voz de nossas reivindicações no sindicato*. PODER contempla diferentes significados, que só serão determinados no contexto discursivo: (a) possibilidade (É possível que o Professor Pedro seja nosso porta-voz, já que é o Diretor de nossa unidade, num contexto de dúvida quanto à participação de Pedro nas reuniões do sindicato); (b) permissão (*Permite-se que o Professor Pedro assuma a função de porta-voz de nossas reivindicações no sindicato*); e (c) capacidade (*O Professor Pedro é capaz de ser porta-voz de nossas reivindicações no sindicato*, pois é o único que tem participado de todas as reuniões).

Essa constatação conduz inevitavelmente a dois questionamentos. Qual o significado original de um verbo? Como determinar isso? A fim de resolver tal questão, é possível recorrer a obras lexicográficas ou a estudos diacrônicos para verificar que acepção pode ser considerada provavelmente primária e a natureza de sua ligação com outras acepções ou, ainda, para verificar a produtividade das extensões de sentido de um verbo e os caminhos de convencionalização e entrincheiramento do que é associado entre atributos de forma e funcionamento. De qualquer modo, esse é um problema com que se terá de lidar, ao se considerar esse parâmetro nocional de gramaticalização para a categorização de verbos auxiliares.

(I) Desligamento semântico entre verbo auxiliar e sujeito gramatical

Um verbo auxiliar típico não seleciona o termo que ocupará a posição sintática de sujeito na predicação. Não lhe atribui papel semântico, nem lhe impõe restrições de seleção semântica. É o verbo predicador (verbo principal) que determina as condições semânticas dos termos que podem preencher o lugar sintático de sujeito. Isso pode ser notado pelos exemplos a seguir:

(19) [Os meninos deste orfanato]_{Paciente} têm/haviam **recebido** muito afeto.

(20) [Meu filho]_{Agente} tem/havia **ido** ao colégio.

(21) [O colégio]_{Locativo} tem/havia **abrigado** várias pessoas.

(22a) [As árvores]_{Tema/não humano} já tinham **florescido** nesta época.

(22b) [As árvores]_{Tema/não humano} já **floresceram** nesta época.

(22c) *[Pessoas]_{Tema/humano} têm **florescido** nesta época.¹⁷

(23a) [Cientistas]_{Agente/Controlador} têm **descoberto** novos medicamentos nos últimos tempos.

(23b) [Cientistas]_{Agente/Controlador} **descobrem** novos medicamentos nos últimos tempos.

(23c) *[As árvores]_{Não controlador/Inanimado} têm **descoberto** novos medicamentos nos últimos tempos.

(24a) [A gestante]_{Experienciador/animado} havia **enjoado** muito.

(24b) *[O carro]_{Inanimado} havia **enjoado** muito.

(25a) [O carro]_{Tema/inanimado} havia **enguiçado**.

(25b) *[A gestante]_{Animado} havia **enguiçado**.

Esses exemplos evidenciam que *ter* e *haver* auxiliares de tempo composto podem ocorrer com argumentos sujeitos que desempenhem qualquer função semântica (paciente, agente, locativo, tema, experienciador). São os verbos principais “receber”, “ir”, “abrigar”, “florescer”, “descobrir”, “enjoar” que determinam as condições semânticas para a seleção do termo a exercer a função de sujeito na predicação, e não os verbos “ter” e “haver”. Assim, verbos como “florescer” e “enguiçar” restringem a seleção de argumentos a termos sem o traço humano ou com traço inanimado, ao passo que “descobrir” e “enjoar”, por exemplo, já exigem um termo com traço animado (ou apresentado como tal).

Quando uma forma verbal colabora em algum grau para a seleção semântica do constituinte sujeito, diz-se que ela já não pertence à classe dos verbos auxiliares típicos. Se ainda assim formar com o verbo predicador uma unidade complexa, diz-se

17 Utiliza-se, aqui, asterisco antes de determinados exemplos para sinalizar uma estrutura sintaticamente malformada ou o baixo grau de gramaticalidade e/ou aceitabilidade do enunciado. Em alguns casos, também se usa o ponto de interrogação para indicar os casos em que se tem dúvida quanto a esses julgamentos.

que ela se insere no rol dos verbos semiauxiliares. Nesse caso, outras propriedades vão direcionar o analista para a detecção de uma unidade complexa de funcionamento.

(26a) Vândalos têm destruído monumentos públicos.

(26b) Vândalos querem/desejam destruir monumentos públicos.

(26c) Depredações têm destruído monumentos públicos.

(26d) *Depredações querem/desejam destruir monumentos públicos.

(27a) Agricultores sem-terra descontentes têm destruído plantações no Sul do país.

(27b) Agricultores sem-terra descontentes querem/desejam destruir plantações no Sul do país.

(27c) As chuvas intensas têm destruído plantações no Sul do país.

(27d) *As chuvas intensas querem/desejam destruir plantações no Sul do país.

Em outras palavras, o papel participante que se apresenta como sintagma nominal (SN) sujeito é selecionado pelo verbo auxiliado. Assim, SNs com diferentes papéis temáticos podem ocorrer como sujeito de frases com verbos auxiliares (*A chuva/criança vai manchar a parede.*). É o verbo principal o responsável por inviabilizar determinados sintagmas na posição de sujeito (**A chuva vai estudar.*).

Cabe aqui uma ressalva quanto a esse critério. Há verbos predicadores (como *existir, pertencer*) que não impõem restrições semânticas ao constituinte sujeito. Assim sendo, apesar de válida, a extensão combinatória do elemento “auxiliar” não é suficiente para a apreensão do conjunto de auxiliares. Na verdade, nenhum critério por si só o é. É a coocorrência de certas propriedades que conduz o estudioso a essa categorização: quanto mais propriedades associadas à auxiliaridade coocorrem num uso verbal, mais auxiliar ele se mostra.

(II) Fusão semântica com um verbo predicador numa única predicação

Por revelar (algum grau de) desgaste semântico em relação à aceção que tem quando usado como predicador, um item verbal é associado à categoria de verbo auxiliar por passar a constituir com o verbo predicador uma unidade que possui significação conjunta: o primeiro elemento (Vauxiliar) desempenha (principalmente) função gramatical, a de indicar as categorias gramaticais do verbo e nuances de aspecto, modalidade e intencionalidade e a de matizar o verbo predicador; e o segundo elemento (Vauxiliado) exerce função lexical, a de estabelecer o estado de coisas em que se encontra(m) projetado(s) o(s) participante(s) no mundo biossocial ou referencial.

(28) Maria [quer passar] no Vestibular.

(29) Maria [começou a estudar] para o Vestibular.

(30) Repentinamente Maria [desatou a rir].

(31) Maria [terminou/acabou de estudar] para o Vestibular.

(32) O professor [deixou/parou de sair] com os amigos.

A interpretação volitiva do primeiro enunciado lhe é conferida pelo verbo “querer”.¹⁸ A possibilidade de focalizar o início ou o fim de um evento/estado de coisas é obtida com o uso de COMEÇAR A/POR e DESATAR A ou TERMINAR DE/POR, ACABAR DE e DEIXAR/PARAR DE, respectivamente. As duas primeiras unidades verbais expressam o aspecto inceptivo do evento (isto é, seu início), ao passo que as três últimas colaboram para exprimir o aspecto conclusivo. Para expressar aspecto inceptivo, conta-se ainda com PASSAR A, DAR DE, PÔR-SE A, DESANDAR A, METER-SE A, por exemplo.

Outras interpretações poderão ser obtidas com a permuta do verbo auxiliar: valor permansivo com CONTINUAR, ESTAR A, FICAR A; sentido resultativo (noção de consecução de um estado de coisas) com CONSEGUIR, CHEGAR A ou VIR A; significado reiterativo com COSTUMAR, VIVER A, entre outros.

Um dos problemas de aplicação desse parâmetro para a identificação de verbos auxiliares ocorre em enunciados em que o valor semântico (de volição, por exemplo) é obtido também com usos de verbo predicador, como é o caso em *Maria quer [que o filho passe no vestibular]/[um carro]*.

(III) Impossibilidade de substituição da estrutura sintagmática introduzida pelo verbo predicador por oração completiva finita

Como o verbo auxiliar e o verbo predicador não finito (Vauxiliado) ocorrem num único domínio predicativo, o verbo predicador e os sintagmas argumentais ou adjuntos que a ele se relacionarem não podem comutar com orações subordinadas completivas finitas (precedidas de “que” ou “se”). Por exemplo:

(33a) Meu filho tem [ido ao colégio].

(33b) *Meu filho tem [que (meu filho) vai/vá ao colégio].

(33c) *Meu filho tem [que [o colega] vai/vá ao colégio].

(34a) O colégio havia [abrigado várias pessoas].

(34b) *O colégio havia [que (o colégio) abriga/abrigava várias pessoas].

(34c) *O colégio havia [que [o diretor] abriga/abrigava várias pessoas].

(35a) Pedro está [lendo muito nos últimos dias].

(35b) *Pedro está [que (Pedro) lê/leia muito nos últimos dias].

(35c) *Pedro está [que [o filho] lê/leia muito nos últimos dias].

Como esses são casos claros de períodos simples, a construção a partir do verbo principal (entre colchetes) naturalmente não pode ser substituída por uma oração completiva, ainda que se mantenha o referente-sujeito do verbo auxiliado.

18 Sugere-se leitura a respeito da relação entre desejo e futuridadade em dados com o verbo *querer*: MACHADO VIEIRA; SOUZA; COSTA, 2021.

Caso haja essa possibilidade, as ocorrências verbais não serão consideradas membros exemplares da categoria de verbo auxiliar; no máximo revelarão comportamento semiauxiliar. É o caso dos dois tipos de ocorrências verbais a seguir:

(A)

(36a) Pedro fez/deixou [ver a importância do estudo ao filho].

(36b) Pedro fez/deixou [(com) que seu filho visse a importância do estudo].

(37a) Pedro mandou [dormir seu filho].

(37b) Pedro mandou [que seu filho dormisse].

Em enunciados com FAZER, DEIXAR e MANDAR causativos, em que o segundo verbo já não partilha identidade referencial com o primeiro verbo, é possível a co-ocorrência com completivas finitas.

(B)

(38a) Maria quer amamentar seu filho. (*querer volitivo*)

(38b) *?Maria quer [que (Maria/ela) amamente seu filho].

(38c) Maria quer [que [alguém] amamente seu filho].

(39a) Maria conseguiu amamentar seu filho. (*conseguir resultativo*)

(39b) *?Maria conseguiu [que (Maria/ela) amamente/amamentasse seu filho].

(39c) Maria conseguiu [que [alguém] amamente seu filho].

Verbos como QUERER, CONSEGUIR, DESEJAR, TENTAR, entre outros, podem coocorrer com completivas finitas, particularmente se um referente-sujeito diferente for introduzido.

A diferença entre os tipos (A) e (B) deve-se, principalmente, à existência ou não de correferência entre as posições de sujeito dos verbos da sequência em auxílio, próximo parâmetro a ser tratado.

(IV) Uma só posição sintática de sujeito com um só referente-sujeito para as formas verbais da unidade complexa

(40a) Meu filho tem ido ao colégio.

(40b) Meu filho tem [meu filho] ido ao colégio.

(41a) Maria vai amamentar seu filho.

(41b) Maria vai [Maria] amamentar seu filho.

(42a) Maria começou a amamentar seu filho.

(42b) Maria começou a [Maria] amamentar seu filho.

(43a) Vândalos querem destruir monumentos públicos.

(43b) Vândalos querem [Vândalos] destruir monumentos públicos

Os dois verbos do complexo apresentam o mesmo referente-sujeito. O verbo predicador (no particípio passado, no primeiro exemplo, e no infinitivo, nos demais exemplos) expressa o evento ativo praticado pelo sujeito e o verbo que o precede e se liga ao mesmo referente-sujeito determina apenas a modalidade – de aspecto – da ação expressa pelo predicador, conferindo-lhe as seguintes nuances: continuidade da ação, intento futuro, início do evento ou volição, respectivamente.

(V) Impossibilidade de substituição da estrutura sintagmática introduzida pelo verbo predicador por uma forma pronominal demonstrativa

Um verbo auxiliar típico não se articula a um verbo predicador que, juntamente com o(s) argumento(s) interno(s) que projetar, possa ser substituído por um pronome demonstrativo como “isso” ou como o pronome átono “o”.

(44) Meu filho tem ido ao colégio, mas minha filha não *o tem / tem **isso**.

Essa restrição sintática já não ocorre com verbos de comportamento semiauxiliar, conforme evidenciam os exemplos a seguir:

(45) O jornalista queria publicar o texto na íntegra, mas seu editor-chefe não o quis / quis **isso**.

A verificação dessa propriedade pode ficar comprometida pela tendência ao apagamento de clíticos de terceira pessoa no Português oral do Brasil. Nessa variedade, é bastante frequente a ocorrência de enunciados como:

(46) Marta vai/quer devolver as provas de seus alunos, mas eu não vou/que-ro.

(47) Tenho estudado, mas meu filho não tem.

(VI) Ocorrência de pronomes átonos complementos em adjacência ao verbo auxiliar.

Em construções nas quais a perífrase é constituída de um verbo auxiliar típico, o esperado é que os pronomes átonos ocorram mais produtivamente em torno deste (em próclise, ênclise ou mesóclise, a depender de fatores condicionadores da ordem pronominal).

As estruturas perifrásticas com TER ou HAVER + particípio ilustram justamente os casos mono-oracionais em que esse critério terá aplicação total – em função, talvez, das especificidades da própria forma participial – ou quase total, se considerarmos a possibilidade de variante (cf. ex. 48d), ainda que esta seja pouco produtiva.

(48a) As chuvas intensas têm destruído plantações no interior de São Paulo.

(48b) As chuvas intensas têm-**nas** destruído.

(48c) As chuvas intensas (não) **as** têm destruído.

(48d) *?As chuvas intensas têm destruído-as.

As estruturas perifrásticas com gerúndio ou infinitivo já não terão comportamento tão regular: ocorrência de complementos clíticos em torno do verbo auxiliar ou do verbo auxiliado. Nesses casos, haverá também a possibilidade da variante pós-complexo verbal.

(49a) A geada está destruindo plantações.

(49b) A geada (não) **as** está destruindo.

(49c) A geada está destruindo-as.

(50a) A professora irá enfrentar a Direção sozinha.

(50b) A professora (não) **a** irá enfrentar sozinha.

(50c) A professora irá enfrentá-**la** sozinha.

Em construções “bioracionais”, ou seja, com dois domínios predicativos, os pronomes átonos ligam-se mais produtivamente à segunda parte da estrutura em auxílio. Nos casos intermediários de semiauxiliarização, oscilam entre a posição adjacente ao primeiro verbo e a posição adjacente ao segundo da sequência.

(51a) A professora (não) deve enfrentar a Direção sozinha.

(51b) A professora (não) deve enfrentá-**la** sozinha.

(51c) A professora (não) **a** deve enfrentar sozinha.

(52a) O jornalista (não) tinha de apresentar o texto na íntegra.

(52b) O jornalista (não) tinha de apresentá-**lo** na íntegra.

(52c) O jornalista (não) tinha de **o** apresentar na íntegra.

(52d) O jornalista (não) tinha-**o** de apresentar na íntegra.

(52e) O jornalista (não) **o** tinha de apresentar na íntegra.

A rentabilidade desse critério para a definição do estatuto de um verbo como auxiliar ou semiauxiliar fica prejudicada por fatores, como: (i) o caráter variável da ordem dos pronomes clíticos em complexos verbais nos diferentes dialetos nacionais da língua portuguesa; (ii) a dificuldade em se definirem como aceitáveis ou não determinadas alternativas de colocação testadas numa perífrase verbal, tendo em vista a sua baixa ou nula produtividade no uso em variedades brasileiras; e (iii) a possibilidade de não correspondência entre a posição dos pronomes oblíquos no enunciado e sua ligação prosódica com o verbo auxiliar ou o verbo principal na perífrase, nos casos de variantes intracomplexo verbal.

(VII) Impossibilidade de incidência de advérbio de negação sobre o domínio do verbo predicador

Um verbo auxiliar típico ocorrerá numa construção que só admita um advérbio de negação, preferencialmente posicionado à esquerda da sequência em auxílio para que a negação possa modificar toda a predicação.

(53a) Meu filho **não** tem ido ao colégio.

(53b) *Meu filho tem **não** ido ao colégio.

(54a) Pedro **não** está lendo muito nos últimos dias.

(54b) * Pedro está **não** lendo muito nos últimos dias.

Já em enunciados “bioracionais”, cada predicação poderá ser afetada por um advérbio de negação frásica:

(55a) Pedro **não/nunca** fez/deixou ver a importância do estudo ao filho. (A negação incide sobre *deixar/fazer e ver*.)

(55b) Pedro fez/deixou seu filho **não** ver a importância do estudo. (A negação só incide sobre *ver*; *deixar/fazer* tem caráter afirmativo.)

(56a) Maria **não/nunca** quer/deseja/consegue amamentar seu filho. (não querer/desejar/conseguir, não amamentar)

(56b) Maria quer/deseja/consegue **não/nunca** amamentar seu filho. (querer/desejar/conseguir, não amamentar)

(57a) A professora **não** pode comparecer à festa do colégio. (não poder, não comparecer à festa do colégio)

(57b) A professora pode **não** comparecer à festa do colégio. (poder/ser possível/capaz, não comparecer à festa do colégio)

(VIII) Impossibilidade de circunstante temporal (adjunto adverbial de tempo) que afete apenas o domínio do verbo predicador

Uma predicação contendo verbo auxiliar típico seguido de verbo predicador não admite dois adjuntos adverbiais de tempo que representem circunstâncias totalmente distintas para os eventos, pelo fato de uma estrutura mono-oracional (um período simples) só ter um domínio temporal, no qual ocorre *Vauxiliar+Vauxiliado*. Se existirem dois domínios de expressão temporal, não se estará diante de uma, mas de duas predicções, de uma estrutura bi-oracional. Observem-se os exemplos a seguir:

(58) ***Hoje** o colégio tem abrigado várias pessoas **amanhã**.

Entretanto,

(59) **Ontem** Pedro queria ir ao teatro **amanhã**, hoje já mudou de ideia.

(60) **Ontem** Pedro podia ir ao teatro **amanhã**, hoje não pode mais.

(61) **Ontem** Maria ia tentar [começar a] amamentar seu filho **hoje**, mas hoje já mudou de ideia.

A agramaticalidade/inaceitabilidade do primeiro enunciado deve-se ao fato de os dois advérbios de tempo, incompatíveis semanticamente, afetarem o mesmo domínio predicativo. O domínio do verbo predicador infinitivo é temporalmente dependente do domínio do verbo auxiliar, razão pela qual não são admitidos modificadores com valores distintos no eixo temporal.

Já a gramaticalidade dos demais decorre da possibilidade de os circunstantes de tempo relacionarem-se a domínios de predicação distintos (“querer ontem/ir ao teatro amanhã”, “poder ontem/ir ao teatro amanhã”, “ir/ter a intenção ontem”/“[começar a] amamentar seu filho hoje”). Num domínio, há a marcação de uma modalidade ou intencionalidade; e noutro, a indicação de um evento/estado de coisas.

Embora citado por diferentes autores, esse critério acarreta problemas quanto à aceitabilidade dos dados linguísticos que se testam. Mesmo em construções com verbos menos gramaticais, nem sempre é aceitável mais de um domínio temporal, como se nota em **? O delegado, ontem, não quis/conseguiu divulgar o nome do suspeito hoje*. Até onde foi testado, parece contribuir pouco para a categorização dos verbos semiauxiliares, já que é difícil encontrar sequências em auxiliação com as quais se verifique a possibilidade de mais de um domínio temporal. Ao que parece, sua aplicação fica restrita a determinadas relações temporais entre os domínios predicativos que podem figurar numa unidade complexa, a casos em que o domínio do verbo no infinitivo pode ter ou tem certa independência temporal do domínio do primeiro verbo, do verbo semiauxiliar. Em *Pedro decidiu (ontem) falar (hoje) com os colegas*, a localização temporal da situação apresentada por *falar com os colegas* é posterior à da situação introduzida por *decidir*, ao momento em que Pedro tomou a decisão. Semelhante é o caso de *Pedro ontem queria ir ao teatro amanhã* (cf. ex. 59).

(IX) Comportamento em bloco do verbo auxiliar e do verbo auxiliado diante de transformações sintáticas (passiva e interrogativa)

A ‘apassivação’ e a ‘interrogação’ não afetam cada um dos verbos individualmente, mas os dois como se de um só se tratasse. Por exemplo:

(62a) O arquiteto tem estudado o projeto.

(62b) O projeto tem sido estudado pelo arquiteto.

(62c) O que o arquiteto tem estudado?

(62d) *O que o arquiteto tem?

(63a) Estou escrevendo este trabalho.

(63b) O trabalho está sendo escrito por mim.

(63c) O que você está escrevendo?

(63d) *O que você está?

No caso da transformação interrogativa, o domínio do verbo principal (no participio, no primeiro exemplo; no gerúndio, no segundo) normalmente não pode ocorrer como resposta a uma pergunta que apenas tenha o auxiliar, como: *O que o arquiteto tem? Estudado o projeto. O que está? Escrevendo este trabalho*. Isso revela que os dois verbos funcionam como uma unidade sintática. Em perífrases cujos componentes têm menor integração, essa propriedade já não se mantém:

(64a) O arquiteto quer/tentou examinar o projeto.

(64b) O que quer/tentou o arquiteto? Examinar o projeto.

(65a) O professor deixou usar o laboratório.

(65b) O que o professor deixou? Usar o laboratório.

Os usos de unidades verbais que exibem todas as onze propriedades anteriormente descritas são considerados membros prototípicos da categoria AUXILIAR, do polo extremo do *continuum* de gramaticalização. A esse pertencem os temporais TER e HAVER, quando usados com comportamento gramatical em estruturas de tempo composto.

Em geral, há unanimidade quanto ao caráter auxiliar desses dois verbos. Não obstante, alguns linguistas vinculam a essa classe outras unidades verbais, a depender dos critérios de *auxiliaridade* contemplados. LOBATO (1975) e MATEUS *et al.* (2003), por exemplo, estão entre os que consideram outros verbos como membros da categoria de auxiliar típico. Aquela insere nessa classe SER auxiliar de voz passiva e ESTAR. Essas incluem, além desses dois, os verbos auxiliares aspectuais ANDAR, FICAR, IR e VIR seguidos de gerúndio.

O importante é mostrar, com isso, o caráter fluido da delimitação de algumas unidades verbais. Não se nega a relevância dessa delimitação, porém mais relevante do que fazer uma classificação é o conhecimento que se pode obter com a análise dos fatos linguísticos fundamentada na determinação e na aplicação de critérios de *auxiliaridade*, que sejam observados considerando-se a plasticidade e a dinamicidade da relação forma-função em (con)texto.

9.4.2 VERBOS SEMIAUXILIARES: UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO ESCALAR DE VERBOS EXEMPLARES DE DIFERENTES CONTORNOS DE GRAMATICALIDADE E, PORTANTO, DE NÃO COMPOSICIONALIDADE A OUTRA UNIDADE VERBAL (NO PARTICÍPIO, INFINITIVO OU GERÚNDIO)

Os elementos que não revelam todas as onze características são considerados semiauxiliares (“auxiliantes”, segundo Pottier *apud* LOBATO, 1975) – classe que, por sua vez, abrange membros com diferentes comportamentos: alguns resultam de um processo de auxiliarização mais completo; outros, ainda são associados a estágios intermediários ou híbridos de comportamento.

Para ilustrar a última fase de gramaticalização a que um item verbal pode chegar, cita-se o caso de HAVER (*habere*), em contextos como os de *cantare habeo* (> *cantarei*): uma de suas extensões de sentido, empregada com papel instrumental (comportamento gramatical), passou de um significante livre a um significante preso (morfe-ma de futuro), ou seja, submeteu-se a um processo diacrônico de gramaticalização/‘morfologização’. São raros, entretanto, os casos de verbos que alcançam tal estágio. Em geral, há casos incompletos de gramaticalização de verbos,

que, obviamente, geram dúvidas quanto à categoria a que pertencem. Além disso, nem tudo ocorre conforme as generalizações convencionalizadas socialmente a partir do já experienciado e, quando produtivo, mais esperado em novas enunciações. Conta-se, na linguagem e na língua viva que se (re)configuram por ação dos indivíduos e comunidades que as exploram, com combinações compatíveis às condições construcionais já entrincheiradas cognitivamente/*matches* e com incompatibilidades/*mismatches*.

Pode-se traçar para esses casos uma escala de *auxiliaridade*, conforme o seu grau de afastamento da categoria de verbo predicador e de aproximação da categoria de verbo auxiliar. Tal escala compreende desde extensões de uso/sentido mais próximas da categoria de verbo auxiliar típico (descrita no item anterior) e, por conseguinte, mais afastadas da de verbo predicador até extensões mais afastadas da categoria verbo auxiliar e bem mais próximas da de verbo predicador. A escala pode ser definida por meio de 5 subclasses de verbos semiauxiliares.

| |
|--|
| 1º grau de afastamento do polo de <i>auxiliaridade</i> |
| SER, ESTAR e FICAR seguidos de participio (em construções de voz passiva analítica). |

Propriedades que os fazem diferentes dos membros típicos da categoria Auxiliar:

É possível substituir o participio passado que os acompanha por um pronome átono demonstrativo.

(66) Ana foi elogiada pelo professor, mas sua irmã não o foi.

Percebe-se neles comportamento similar ao de verbo de ligação, que, por sua vez, opera sobre elementos não verbais: não só pelo fato de, em certos contextos, as construções em que aparecem possibilitarem leitura estativa (cf. exemplos (68) e (69)), mas também por conta da variabilidade da forma de participio, que se manifesta pela relação de concordância com o constituinte sujeito.

(67) As atletas foram expulsas da competição pela comissão organizadora do evento.

(68) Os bandidos ficaram cercados pelos policiais.

(69) A reforma da escola está prejudicada por falta de dinheiro.

Os verbos auxiliares típicos TER/HAVER operam sobre um participio invariável. Em “As meninas têm escrito cartas”, não se estabelece relação de concordância entre *escrito* e qualquer um dos argumentos.

Têm a restrição de basicamente auxiliarem Vprincipais com estrutura transitiva direta, embora, eventualmente, sejam empregados como auxiliares de alguns verbos de estrutura diferente – como em “As leis são obedecidas.” ou:

“Entretanto, ele não tem bem a certeza se é preciso ser um entendido em amor, para escrever um livro destes. Mas, para os devidos efeitos, este homem casado há 17 anos (dedica o livro à mulher, Alexandra), garante que ama, que é amado, que já gostou e não foi correspondido, que já foi gostado e não correspondeu; que já traiu e que

já foi traído. Se não passou por todos os estádios do amor, pelo menos já fez escala em apeadeiros suficientes na linha dos afetos para ter experiência no que escreve: com conhecimento de causa da dor de corno, dos remorsos ou das noites em branco por causa de um telefonema.” [Diário de Notícias, Notícias Magazine, *O último dos românticos*]¹⁹

| |
|---|
| 2º grau de afastamento do polo de <i>auxiliaridade</i> |
| ESTAR, VIR, IR, FICAR, ANDAR aspectuais em construções com Vpredicador no gerúndio. IR, VIR, HAVER (<i>de</i>) temporais em construções com Vpredicador no infinitivo. |

Apesar de nessas extensões verbais se notar a perda significativa dos semas caracterizadores de seus empregos como verbo predicador, há características que as afastam do polo da *auxiliaridade*.

Propriedades que os fazem diferentes dos membros típicos da categoria Auxiliar:

Não se juntam ao particípio passado invariável, forma nominal do verbo considerada tipicamente de natureza não oracional (não frásica), pelo fato de não poder ser retomada por uma forma nominal demonstrativa.

São permitidos complementos clíticos em adjacência ao verbo predicador no infinitivo ou no gerúndio.

(70) O professor ficou corrigindo os testes. / O professor ficou corrigindo-**os**.

(71) Pedro vem estragando muitas camisas no futebol. / Pedro vem estragando-**as** no futebol.

(72) O professor vai corrigir os testes. / O professor vai corrigi-**los**.

(73) A diretora há de considerar minhas inquietações. / A diretora há de considerá-**las**.

| |
|--|
| 3º grau de afastamento do polo de <i>auxiliaridade</i> |
| PODER, DEVER modais ²⁰ em construções com Vpredicador no infinitivo. ESTAR, FICAR, ANDAR, VOLTAR, TORNAR, COSTUMAR, CONTINUAR, PERMANECER, COMEÇAR, PASSAR, PÔR-SE, METER-SE, CHEGAR, PEGAR aspectuais (acurativos) seguidos da preposição <i>a</i> em construções com Vpredicador no infinitivo. CONTINUAR aspectual seguido de Vpredicador no gerúndio. |

Embora se especializem na indicação de determinados matizes semânticos (aspectuais ou modais) que se mostram produtivos na língua em uso, apresentam propriedades que os afastam da configuração prototípica de verbo auxiliar.

Propriedades que os fazem diferentes dos membros típicos da categoria Auxiliar:

¹⁹ <https://www.noticiasmagazine.pt/2013/o-ultimo-dos-romanticos/estilos/comportamento/1881/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

²⁰ Os verbos modais exprimem uma atitude do locutor em relação ao conteúdo do enunciado veiculando valores, como: obrigatoriedade, probabilidade, possibilidade, permissão.

O critério de desgaste semântico não se verifica da mesma maneira nessa subclasse de verbos. Apesar do papel instrumental que assumem e do valor de aspecto (duração ou fase de desenvolvimento do estado de coisas), intencionalidade ou modalidade que marcam, mantêm muitos dos traços de seu valor lexical, de seu significado objetivo.

A depender do efeito de sentido pretendido pelo usuário, verbos como DEVER e PODER, por exemplo, podem assumir, e até condensar num mesmo contexto enunciativo, mais de um significado distinto: (i) probabilidade/possibilidade; e (ii) obrigação/permissão. Observem-se os exemplos a seguir:

(74) O clube **pode** participar do próximo campeonato. (Leituras possíveis: “É possível que o clube participe do próximo campeonato.” ou “O clube tem permissão [do Tribunal de Justiça Esportiva] para participar do campeonato.”)

(75) O réu **deve** dizer a verdade. (Leituras possíveis: “O réu é obrigado a dizer a verdade.” / “É provável que o réu diga a verdade.”)

O advérbio de negação pode atuar sobre o verbo predicador no infinitivo.

(76) Os meninos podem **não** temer o escuro.

(77) Os meninos voltaram a **não** oferecer doces à irmã.

(78) Os professores continuam a **não** manifestar suas opiniões na reunião.

São permitidos complementos clíticos em adjacência ao verbo predicador no infinitivo.

(79) Os meninos podem temê-**lo**.

(80) Os meninos voltaram a oferecer-**lhe** doces. / Os meninos voltaram a oferecê-**los** à irmã.

(81) Os professores continuam a manifestá-**las** na reunião.

| 4º grau de afastamento do polo de <i>auxiliaridade</i> |
|--|
| TER (<i>de/que</i>) e HAVER <i>de</i> modais em construções com Vpredicador no infinitivo. ESTAR, FICAR, DEIXAR, ACABAR, PARAR, TERMINAR, CESSAR, DAR aspectuais seguidos de preposição <i>de</i> , <i>para</i> ou <i>por</i> em construções com Vpredicador no infinitivo. |

Propriedades que os fazem diferentes dos membros típicos da categoria Auxiliar:

Os clíticos complementos de verbos predicadores no infinitivo mais raramente passam ao seu domínio (ao domínio da “frase matriz”). Gonçalves e Costa (2002) chegam a afirmar, com base na norma de uso dos pronomes átonos da variedade europeia, que esses verbos semiauxiliares não permitem a extração de pronomes átonos complementos do domínio do infinitivo para o seu domínio.

Algumas extensões de uso impõem restrições de seleção quanto à natureza aspectual dos verbos predicadores sobre os quais operam, limitando a classe de verbos predicadores. Um verbo como DEIXAR limita a classe de predicados verbais que com ele se articulam (?No ano passado, Pedro deixou de nascer/morrer.). Não é qualquer verbo principal que pode ocorrer com ele.

Além de permitirem que o advérbio de negação incida sobre o verbo predicador com que se combinam, aceitam mais de uma instância de negação frásica (*O professor (não) ficou de não interferir na decisão dos alunos*).

É tênue o limite entre o terceiro e o quarto grau. Para a delimitação desses dois níveis, colabora também o tipo de elemento/preposição que liga verbo semiauxiliar e verbo principal: o baixo peso fonético-fonológico (pouca quantidade de material) e o esvaziamento de sentido da preposição “a” *versus* o maior peso fonético-fonológico e a maior colaboração semântica das outras preposições. Outra opção de categorização é desconsiderar as diferenças aqui apontadas e reunir num só nível de *auxiliaridade* esses usos semiauxiliares.

| 5º grau de afastamento do polo de <i>auxiliaridade</i> (mais próximo do polo de <i>lexicalidade</i>) |
|---|
| TENTAR, QUERER, ESPERAR, DESEJAR, GOSTAR (de), LOGRAR, CONSEGUIR, OUSAR, ATREVER-SE, PARECER, PRETENDER, TENCIONAR, e tantos outros citados em gramáticas escolares (PRECISAR, entre estes), seguidos de Vpredicador no infinitivo. |
| MANDAR, FAZER, DEIXAR, LEVAR causativos em construções com Vpredicador no infinitivo. |
| VER, OLHAR, OUVIR, SENTIR, SABER perceptivos/sensitivos em construções com Vpredicador no infinitivo. |

Nesse grau, estão reunidos os verbos cujo emprego semiauxiliar se situa na fronteira com seu emprego lexical, de verbo principal. O comportamento híbrido desses verbos leva muitos estudiosos a questionar a pertinência de sua inclusão no rol dos semiauxiliares, principalmente a dos semiauxiliares causativos e perceptivos/sensitivos.

Propriedades que os fazem diferentes dos membros típicos da categoria Auxiliar:

Muitas das unidades verbais supracitadas praticamente não revelam desgaste semântico e mantêm sua aceção primária (quase) inalterada.

A forma verbal flexionada e a não flexionada, mantendo cada uma o seu valor lexical, ocorrem em estruturas “bi-oracionais”, já que têm “complemento” de natureza frásica e não de natureza verbal/não oracional. As construções formadas com esses verbos sujeitam-se a duas interpretações: (i) é possível considerar que há dois domínios predicativos relacionados por subordinação, logo um período composto; e (ii) é possível entender que, em estrutura superficial, esses verbos se submetem a um processo de reestruturação que, ao promover sua integração a um verbo predicador, gere, pelo menos no nível da representação final, comportamento de construção “mono-oracional” ou uma unidade complexa.

A barreira frásica existente entre eles e os verbos predicadores não flexionados aos quais se articulam pode ser percebida em enunciados em que cada um dos verbos da sequência pode se relacionar a noções de tempo diferentes (*João ontem queria/tencionava/prendia ir ao cinema hoje*; hoje já mudou de ideia). Essa barreira pode ser enfraquecida em casos em que houver uma única cadeia temporal (*?*João ontem quis ir ao cinema hoje*) e, assim, eles formarem complexos verbais de menor integração.

É possível comutar os domínios dos verbos predicadores não flexionados que os seguem por uma completiva finita (introduzida por conjunção integrante *que* ou *se*). Logo, tais verbos têm “complementos” de natureza frásica, visto que estes podem ser substituídos por completivas finitas. (João deseja [encontrar-se com a namorada no cinema]. João deseja [que (eles/ele e a namorada) se encontrem no cinema].)

No caso da transformação interrogativa, o domínio do verbo principal pode ocorrer como resposta a uma pergunta que apenas tenha o auxiliar (Que deseja João? Encontrar-se com a namorada no cinema.)

O marcador de negação frásica pode ocorrer apenas sobre o “domínio frásico encaixado”. (João deseja não encontrar a namorada no cinema. Porém: *João tem não encontrado a namorada no cinema.)

Além de permitirem que o advérbio de negação incida sobre o verbo predicador com que se combinam, aceitam mais de uma instância de negação frásica.

(82) Os professores não conseguiram não manifestar suas opiniões na reunião.

(83) Não gostaria de não me manifestar sobre o assunto.

(84) A professora não mandou não sair.

Esses verbos contribuem para definir as condições semânticas de preenchimento da posição de sujeito. Por exemplo, o emprego de MANDAR é incompatível com um sujeito não humano; o de VER, com um sujeito inanimado. O emprego semiauxiliar de QUERER ora restringe os termos que podem ocupar o lugar sintático de sujeito, ora parece não impor restrições semânticas a esse constituinte oracional, conforme se nota em certos enunciados produzidos no português brasileiro: “ESTAR + QUERER no gerúndio + Vpredicador no infinitivo” (*O tempo está querendo mudar, O carro está querendo enguiçar* ou *Está querendo chover*), estrutura em que QUERER parece indicar que “algo está prestes a ocorrer/começar” .

Com alguns desses verbos, o critério de um só referente-sujeito não se mantém (*João viu começar o tumulto*).

A diferença entre alguns dos verbos listados nesse quinto grau de afastamento do polo de *auxiliaridade*, que até poderia acarretar a delimitação de um sexto grau, diz respeito ao fato de que complexos verbais com QUERER, CONSEGUIR, TENTAR, entre outros, têm comportamento diferente do comportamento de complexos verbais com semiauxiliares causativos e perceptivos/sensitivos, se for considerada a possibilidade de substituição do domínio do verbo principal por completiva finita associada à manutenção da identidade referencial do sujeito dos componentes da perífrase verbal.

(85) Eu quero *amamentar meu filho*/ ?*que (eu) amamente meu filho* / *que (alguém) amamente meu filho*. (com o mesmo referente-sujeito, enunciados similares; com sujeitos diferentes, enunciados semanticamente distintos)

(86) Pedro mandou *dormir (a) o filho* / *que o filho dormisse*. (com sujeitos diferentes, enunciados similares)

Na perífrase com MANDAR, o referente-sujeito de cada verbo é diferente. Na perífrase com QUERER, o referente-sujeito se mantém.

O sistema de graus de (semi-)gramaticalização verbal aqui estabelecido com base em onze critérios de *auxiliaridade* poderá, a depender do nível de escolaridade com que o professor trabalhe, ser substituído por um sistema simplificado que seja definido a partir de um conjunto mínimo de propriedades reconhecidas num verbo auxiliar típico.

Por exemplo, a partir da exigência de que a sequência em auxiliação pertença a um período simples (um domínio de predicação) e o verbo auxiliar seja uma extensão que se especializa na indicação de tempo, voz, aspecto ou modo/modalidade, as condições minimamente envolvidas na definição de graus de gramaticalização verbal são estas: (i) um só referente-sujeito para Vauxiliar e Vauxiliado; (ii) um único domínio de negação; e (iii) impossibilidade de substituir por uma oração subordinada finita a estrutura sintagmática a partir do verbo predicador. Com esses parâmetros, o conjunto de verbos essencialmente auxiliares amplia-se. Incluirá, além de TER e HAVER temporais, os verbos dos graus 1 e 2. O conjunto de verbos semiauxiliares incluirá os verbos dos demais graus, subdividindo-se, por sua vez, em três subconjuntos: (i) o dos verbos mais gramaticais (que reúne os verbos dos graus 3 e 4); (ii) o dos verbos menos gramaticais (os do grau 5 que mantêm a condição de identidade referencial do sujeito com o verbo auxiliado); e (iii) o dos verbos ainda menos gramaticais (os verbos causativos e sensitivos no grau 5, que não atendem a qualquer dessas condições, restando-lhes apenas a propriedade de sinalizarem ou realçarem valor de causalidade e percepção). Como foi dito, é até possível excluir esse terceiro subconjunto da escala de (semi-)auxiliaridade.

No estudo da categorização verbal, o importante é levar o aluno a ter condições de (re)conhecer e discutir as definições e características das categorias auxiliar e semiauxiliar com base num exame criterioso de dados e numa visão escalar dos vínculos categoriais do usos verbais (uns mais exemplares das categorias, outros mais periféricos).

9.4.3 VERBOS SUPORTES

O usuário da língua portuguesa conta, ainda, com perífrases verbo-nominais constituídas a partir da atuação de um verbo suporte sobre um elemento não verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo). Em determinados enunciados, o centro semântico-sintático da predicação não está no constituinte verbal, mas no componente não verbal que se alia àquele na formação da perífrase. Por exemplo:

(87a) Pedro fez queixa do cão ao vizinho.

(88a) Pedro tem preocupação com o filho.

(89a) Pedro deu uma passada na reunião.

(90a) Diogo levou/tomou um susto.

(91a) Carlos deixou seu filho assustado.

(92a) Carlos ficou entusiasmado com a nova proposta de emprego.

É muito produtiva nas línguas a construção de predicador complexo: [Vsuporte + elemento não verbal_{unidade predicante}]-predicador complexo. O deslocamento do núcleo irradiador da predicação do verbo para o elemento não verbal dá-se em virtude da: (i) convencionalização do verbo como recurso gramatical gerador de verbos a partir de elementos que não têm esse estatuto (embora, em alguns casos possam ter alguma verbalidade inerente); e (ii) conseqüente integração semântica e sintática desse verbo ao elemento não verbal que redundava numa locução/perífrase verbo-nominal, que é percebida como unidade de funcionamento similar ao de um predicador simples.

Uma das manifestações do caráter perifrástico dessas construções é a existência, em muitos casos, de verbos predicadores (Vplenos/Vprincipais) com significado equivalente ao do predicador complexo.

(87b) Pedro queixou-se do cão ao vizinho.

(88b) Pedro preocupa-se com o filho.

(89b) Pedro passou na reunião.

(90b) Diogo assustou-se.

(91b) Carlos assustou seu filho.

(92b) Carlos entusiasmou-se com a nova proposta de emprego.

Nesses exemplos, verifica-se a possibilidade de substituição das perífrases por verbos predicadores cognatos ao elemento nominal incorporado. Porém, nem sempre há esse tipo de correspondência, conforme revelam os enunciados a seguir.

(93) A frota de ônibus não dá vazão à demanda de passageiros.

(94) Ana faz ginástica todos os dias.

Ainda assim, percebe-se a integração semântica e sintática entre os componentes (verbal e nominal), o comportamento gramatical do verbo decorrente de seu esvaziamento semântico e de seu emprego instrumental sobre elementos nominais de qualquer classe semântica, propriedades responsáveis pela interpretação da estrutura *V + ñV* (*fazer queixa, deixar assustado, deu bom*)²¹ como uma unidade complexa com função predicante.

Diz-se, portanto, que um verbo atua como *Vsuporte* toda vez que se associa a um elemento não verbal de tipo “especial” (com função predicante (secundária)²² ou ao

21 “Não é que essa roupa deu bom pra apresentação de dança?” <https://twitter.com/ParkJMDancer/status/1508174314994118659> Acesso em: 30 mar. 2022.

22 De acordo com DIK (1997), as categorias básicas de predicado (Verbo, Nome e Adjetivo, com determinadas funções primárias na língua: Verbo com função predicante, Nome com função referencial e Adjetivo com função atributiva) podem, a depender do contexto, ter seus empregos prototípicos convertidos em usos derivados (secundários) – coincidentes, em maior ou menor grau, com usos

qual se quer atribuir tal função), formando uma expressão sintática que tem significação particular e (relativamente) “indissolúvel”, não composicional.

O verbo suporte é um recurso da língua usado com frequência e sistematicidade pelos falantes para a formação de unidades lexicais. Apresenta regularidade de função: operador/marcador de verbalização de elementos não verbais (cf. MACHADO VIEIRA, 2001, 2018). Verbo responsável pela atribuição de função predicante a elemento não verbal, o verbo suporte manifesta algum grau de alteração semântica em comparação com o verbo predicador; assume valor mais genérico e abstrato que o deste. Passa a ter, portanto, significado “instrumental/gramatical”, já que funciona como instrumento morfossintático na formação de predicador complexo derivado. Forma com o elemento com que se combina uma unidade semântica e sintática.

Um verbo suporte tem comportamento “léxico-gramatical”: contribui para a formação semântica do predicado verbo-nominal, apesar de o item nominal ser o principal responsável pelas propriedades semânticas do predicado. Nota-se sua colaboração para o efeito semântico do predicado complexo, comparando-se os seguintes exemplos:

(95a) O menino levou/tomou uma surra/um esbarrão do colega.

(95b) O menino deu uma surra/um esbarrão no colega.

(96a) O professor tem confiança em seus alunos.

(96b) O professor dá/passa confiança a seus alunos.

(97a) Dei força para ele estudar para o concurso.

(97b) Fiz força para passar no concurso.

(97c) Fiz força para abrir essa porta pesada.

(98a) O professor pôs medo nos alunos. / O professor fez medo aos alunos.

(98b) Trovões/Pessoas vestidas de Papai Noel dão medo em algumas crianças.

(98c) Muitas pessoas têm medo de trovão.

Extensão semântico-sintática mais ou menos afastada da que tem como verbo predicador, o verbo suporte mantém, em maior ou menor grau, traço(s) do significado lexical básico daquele. Em virtude disso, contribui para definir o tipo de situação que a predicação designa: uma situação de evento agentivo e/ou causativo (*Pedro fez queixa do cão ao vizinho*), uma situação de estado de posse (de entidade abstrata) (*Pedro tem preocupação com o filho*), uma situação de evento de tipo transferencial (*Pedro deu sua contribuição à equipe*) e uma situação de evento resultativo (*Pedro levou um susto*). Já em *deu bom*, conforme ocorre no exemplo posto em nota rodapé anterior, *dar* contribui para pôr em proeminência um resultado, uma situação de evento resultativo (*resultar/dar bom* ou *funcionar, servir*).

O verbo suporte tem implicações semântico-discursivas relevantes, que devem ser exploradas no tratamento didático-pedagógico e/ou acadêmico-descritivo do proces-

so de produção e leitura de textos.²³ A opção por um ou outro operador de verbalização pode conferir à predicação, por exemplo, diferentes valores: *resultativo* (*O menino tomou uma surra do colega*), *agentivo/causativo* (*O menino deu uma surra no colega* ou *Trovão dá medo nas pessoas*) ou *estativo* (*Muitas pessoas têm medo de trovão*); mais causativo (*O professor pôs medo nos alunos*, em que o causador (agente) é o responsável intencional pelo evento) ou menos causativo (*Trovões/Pessoas vestidas de Papai Noel dão medo em crianças*, em que a entidade-causadora (força/tema) responsável pelo estado de coisas não o causa intencionalmente); evento do tipo “transferencial” (*Dei força para ele estudar para o concurso*) ou “não transferencial” (*Fiz força para passar no concurso*).

Assim sendo, o verbo suporte contribui para a apresentação de um evento, que é especificado, principalmente, pelo elemento predicante ao qual se associa. Como revela desgaste semântico em decorrência do processo de gramaticalização ao qual se submete, atua na lexia verbo-nominal, principalmente, para codificar as categorias gramaticais do verbo e, assim, dar suporte gramatical ao elemento nominal ao qual se alia. Partilha com o elemento não verbal (sintagma nominal, sintagma adjetival, sintagma preposicional) a função de atribuir papel temático ao(s) argumento(s). Isso pode ser percebido pelos diferentes papéis temáticos dos termos que preenchem a posição de sujeito dessas perífrases: em construções com verbo suporte FAZER, por exemplo, encontram-se termos com as funções de agente (*Pedro fez bagunça no quarto*), força (*O temporal fez um estrago na lavoura*), paciente (*O paciente deste leito fez uma cirurgia*), tema (*Uma pedra fez um buraco no vidro do meu carro*).

Diferentemente do emprego de verbo predicador, um verbo suporte típico (quase) não determina condições semânticas para o constituinte sujeito. Essas condições lhe são impostas principalmente pelo elemento não verbal, núcleo semântico da perífrase verbo-nominal.

O primeiro elemento da unidade (o Vsuporte) desempenha função (léxico-)gramatical (reforço do sentido do predicado e apoio para a expressão das categorias morfossintáticas de tempo, modo, número e pessoa); e o segundo (elemento nominal, frequentemente), a função lexical (especificar a atividade expressa pela unidade). O verbo suporte (ou “verbo de apoio”) comporta o valor categorial de predicado verbal (assim como um componente de aspecto) e o complemento predicativo/predicante supre o resto do significado. O conteúdo semântico de <fazer + elemento predicante> é o de impor ao(s) argumento(s) complemento(s) um evento de determinada natureza.

A perífrase verbo-nominal em questão dispõe de outra propriedade que caracteriza uma estrutura perifrástica prototípica: a correspondência entre o referente/sujeito gramatical do verbo suporte e o referente/sujeito do elemento não verbal do tipo predicado nominal, à semelhança do que ocorre com Vauxiliar e Vauxiliado. Partilha com o elemento com que se combina o referente-sujeito (“um todo funcional”).

23 Vale conferir um exemplo desse potencial no artigo: *Jornal da USP. Maratona da preguiça: um neologismo que não sai do sofá*. Texto de Marcelo Módolo e Henrique Braga. *Saense*. <https://saense.com.br/2020/05/maratona-da-preguica-um-neologismo-que-nao-sai-do-sofa/>. Publicado em 29 de maio (2020). Acesso em: 30 mar. 2021.

As predicções com perífrases verbo-nominais exibem, não obstante, outras propriedades que são responsáveis pelo estatuto semigramatical do verbo suporte. Destacam-se aqui quatro dessas propriedades.

(I) É possível dupla análise dos sintagmas preposicionais complementos.

(99a) É [*entre o homem e a mulher profissional*] que alguns empregadores **fazem discriminação**.

(99b) É **discriminação** [*entre o homem e a mulher*] que alguns empregadores **fazem**.

Nem sempre há sintagmas preposicionais com estatuto de complemento nas predicções com verbo suporte. Inclusive, isso está vinculado ao fato de as perífrases verbo-nominais com verbo suporte serem estruturas linguísticas com as quais os usuários da língua podem contar quando têm a finalidade de obter um predicado de valência reduzida que lhes permita apresentar genericamente um evento (sem entrar em detalhes), prescindir de complementação.

(100) O governador fez uma declaração.

(101) O professor deu uma sugestão.

(102) Tenho preocupações.

Uma vez que o complemento de um predicador nominal é menos exigido discursivamente do que o complemento de um predicador verbal, o falante pode optar por não declarar o(s) argumento(s) interno(s) projetados pelo predicador nominal (*declaração, sugestão, preocupações*).

Porém, quando ocorre, o sintagma preposicionado, que é argumento interno, pode ser entendido como complemento da perífrase $V_{\text{suporte}} + \tilde{n}V$ ou simplesmente do verbo.

(II) O elemento não verbal incorporado tem comportamento semelhante ao de complemento de um verbo predicador, sob extração, em estruturas interrogativas ou clivadas.

(103a) Pedro fez queixa do cão ao vizinho.

(103b) O que é que Pedro fez ao vizinho? Queixa do cão.

(103c) Foi queixa do cão que Pedro fez. / ?Foi queixa que Pedro fez do cão.

(104a) Pedro tem preocupação com o filho.

(104b) O que é que Pedro tem? Preocupação com o filho.

(104c) É preocupação com o filho que Pedro tem. / É preocupação que Pedro tem com filho.

(III) Assim como ocorre com certos verbos semiauxiliares, é possível a reativação do elemento não verbal que se integra ao verbo suporte mediante substituição por um pronome (clítico ou não) ou repetição.

Confirmam-se os exemplos a seguir:

(105) Pedro fez queixa do cão ao vizinho. Pedro fê-la porque já não suportava mais o cão. O vizinho ouviu com atenção a queixa.

(106) Pedro deu sua contribuição à reunião. Ela foi decisiva para o bom andamento da reunião.

(107) Alguns empregadores fazem discriminação entre o homem e a mulher. Fazem-na porque sabem que não haverá maiores repercussões. Essa discriminação tem sido o motivo de muitos processos trabalhistas.

A retomada do elemento não verbal atende, na verdade, a pelo menos duas das finalidades discursivas vinculadas ao emprego de predicado complexo com verbo suporte: coesão semântico-sintática (conforme ocorre nos exemplos 105 e 106) e versatilidade textual (diversificação dos enunciados, enriquecimento do repertório de possibilidades para estruturação de um texto).

(IV) O verbo suporte pode ser apagado em proveito de uma estrutura do tipo “de + SN argumento externo/sujeito (+ SN argumento interno)”. É possível formar grupo nominal que conserva o(s) complemento(s) do “elemento não verbal predicante”, mediante a redução do verbo suporte no domínio de uma oração relativa. Já um verbo predicador (principal) não pode ser apagado, sem prejuízo semântico-discursivo.

(108a) Alguns empregadores **fazem discriminação** entre o homem e a mulher.

(108b) **A discriminação que** alguns empregadores **fazem** entre o homem e a mulher...

(108c) **A discriminação (de alguns empregadores)** entre o homem e a mulher... (enunciado com [Redução de Vsuporte], o apagamento de “fazer”)

(109a) O menino **deu uma surra** no colega.

(109b) **A surra que** o menino **deu** no colega...

(109c) **A surra (do menino)** no colega... (enunciado com [Redução de Vsuporte], o apagamento de “dar”)

Além dessas quatro propriedades, há restrições quanto à configuração do elemento não verbal que se incorpora ao verbo suporte que contribuem para delimitar os casos de perífrases verbo-nominais. O elemento incorporado não é um termo pleno, ou seja, item ou expressão com a função de estabelecer referência, designar especificamente uma entidade do mundo biossocial. Seu significado é mais genérico. Sua função, na verdade, é especificar o evento geral (estado, processo, posição ou ação) expresso pelo verbo suporte. Ocorre, tipicamente, em sua forma básica, ou seja, não é acompanhado de qualquer determinante (artigo, pronome) ou modificador (adjetivo, advérbio de intensidade), nem é flexionado em número. Ocupa, preferencialmente, a posição depois do verbo suporte. Por exemplo: *fazer contato*, *dar continuidade*, *tomar medo*, *pegar sol*.

O não atendimento a essas condições morfossintáticas para o elemento não verbal e para o verbo suporte conduz à hesitação quanto ao grau de integração de $V + \bar{n}V$ num predicado complexo.

9.4.4 VERBOS (SEMI-)SUPORTES: UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO ESCALAR DAS CONSTRUÇÕES DE PREDICADOR COM VERBO SUPORTE DE DIFERENTES CONTORNOS DE NÃO COMPOSICIONALIDADE

Com base na pesquisa descrita em Machado Vieira (2001, 2014), também é possível estabelecer uma escala para as perífrases com verbo suporte. Essas são basicamente de dois tipos. Um deles é o das expressões completamente cristalizadas e de sentido composicional nulo ou opaco, correspondentes às chamadas expressões idiomáticas normalmente listadas em obras lexicográficas: “*fazer vaquinha*”, “*fazer hora*”, “*fazer cara feia*”, “*fazer vista grossa*”, “*fazer uma horinha*”, “*fazer uma fezinha*”, “*fazer a caveira (de alguém)*”, “*fazer gato e sapato*”; “*ter (o) topete*”, “*ter modos*”; “*dar as caras*”, “*dar zebra*”, “*dar uma geral*”, “*dar bandeira*”, “*dar a mão à palmatória*”; *entre tantas outras*. Elas são caracterizadas por baixa ou nula possibilidade de alteração da forma da perífrase e de mobilidade de seus componentes, bem como pela fixação de um significado sociocultural específico, que normalmente não é recuperado a partir do significado de suas partes. O outro é o das expressões com verbo suporte não lexicalizadas e de sentido mais composicional transparente, cujos componentes apresentam diferentes graus de integração a depender de características anteriormente descritas.

O maior grau de integração é o dos predicadores complexos cujos componentes têm todas as propriedades de configuração prototípica e, inclusive, são formados por nomes deverbais (*fazer concessão*, *dar movimentação*, *ter consideração*, *pegar confiança*). Nesses casos em que a verbalidade é inerente à forma nominal, é mais fácil detectar a perífrase verbo-nominal, seu comportamento semelhante ao de um verbo principal simples.

Num segundo grau de integração já estão os predicadores complexos cujo elemento incorporado não é nome deverbal (*fazer barba*, *levar um susto*, *pôr medo*, *passar apuros*, *dar um murro*, *dar conselho*). Nesses casos, o analista já poderá hesitar quanto a considerar ou não a perífrase verbo-nominal.

Um terceiro nível de enfraquecimento da integração é o dos predicadores complexos cujo componente não verbal, apesar de ser um predicador nominal, é antecedido de determinante (*fazer sua opção*, *fazer a narração*, *fazer essa inserção*), fator que contribui para tornar mais referencial o elemento incorporado. Ainda mais enfraquecida é a coesão entre os componentes de predicadores complexos cujo elemento não verbal, além de não ser um nome deverbal, é antecedido de determinante (relativamente) definido (*fazer o desenho*, *fazer a feira*, *dar essa ordem*, *ter o trabalho*).

Outro grau que também revela coesão enfraquecida, mas por outro motivo, é o dos predicadores complexos cujo elemento não verbal é um predicador nominal antecedi-

do de modificador intensificador (*fazer muito movimento, ter imenso gosto*) ou *quantificador* (*fazer duas previsões, dar três declarações*).

E ao menor grau de integração pertencem os predicadores complexos cujo elemento não verbal é um predicador nominal acompanhado de outro tipo de modificador (*fazer alegações falsas, dar declarações absurdas*). Esses são os que mais dúvida causam, em virtude do maior nível de recuperação da função referencial do sintagma incorporado (a função primária dos nomes na língua), já que este remete a uma entidade no mundo mais específica e identificável/recuperável. Fazem fronteira com as predicções constituídas de “Vpredicador pleno + termo/sintagma complemento” (formas independentes, com autonomia e (certa) diversidade de estruturação/distribuição).

9.4.5 VERBOS SUPORTES: FINALIDADES DISCURSIVAS PARA O EMPREGO DE PREDICADOS COMPLEXOS COM VERBO SUPORTE

As perífrases com verbo suporte são empregadas com diversas finalidades discursivas (conforme descreve NEVES, 2000). Entre as mais recorrentes nas amostras de dados já analisadas no âmbito do Projeto Predicar, estão as seguintes:

Expressão de um significado especial do nome não alcançado pela forma verbal simples correspondente.

(110) “Há pouco tempo deu um vazamento aqui no escritório, chamei lá o, o bombeiro, e o sujeito pra arrebentar ali a parede... **fazer uma soldazinha**... que trabalhou o quê? Acho que uma meia-hora. Ele apresentou a conta, cem cruzeiros. (...)” (PB oral, NURC, inq. 127)

(111) “E digo uma coisa para você: eu, nem de graça, eu queria um carro daquele. (...) Se **der uma batidinha** na frente, já era! O carburador vai logo tudo embora (...)” (PB oral, PEUL, inq. 25)

Construções como essas citadas permitem ao usuário da língua focalizar ou acentuar, na apresentação do estado de coisas, um determinado sentido (mais pontual e “ligeiro” que durativo (como no primeiro exemplo); mais superficial (no último); ou vice-versa) da predicção.

Indicação no predicado (complexo) do valor reiterativo do evento por meio da pluralização do nome predicante.

(112) “**Fizeram-se viagens** pelo país à procura de projectos que se adaptassem ‘como uma luva’ ao espírito programático da Polis.” (PE escrito, Jornal Público, 24/05/2000, “Programa Polis – Os fins justificam os meios?”, p. 9)

Alternativa à estrutura com pronome clítico (“ter interesse”/“interessar-se” por; “levar um susto”/“assustar-se”; “tomar banho”/“banhar-se”; “ficar acostumado”/“acostumar-se” a).

(113) “eu vou comprar o título não sei de quê já que estamos tratando de... mercado de capitais... eu não **tenho essa preocupação** ...” (PB oral, NURC, inq. 355) [“me preocupo com isso”]

Obtenção de maior adequação comunicativa de registro/linguagem (formal/informal; técnica/não técnica).

(114) “faca nele assim ... mata ele [peixe] e **dá umas porrada** nele ... aí bota na panela já limpinho né? ...” (PB oral, APERJ, inq. MAC169)

(115) “O governo, quando lhe parece, entra pelos direitos dos cidadãos e, decidindo ora em um, outra em outro sentido, **faz tábuas raso** de tudo quanto solenemente prometera.” (PB escrito, Jornal do Brasil, 16/09/1909. “Revolucionários...”, p. 2)

As finalidades discursivas é que devem ser o alvo de ensino de um tema como esse. Já até se encontra em dicionários e em livros/materiais didáticos do Ensino Médio²⁴ referência à categoria *verbo suporte*. Mais importante, porém, que fazer o estudante conhecer uma subcategoria verbal, é fazê-lo ter consciência das implicações sintáticas, semânticas, pragmáticas, discursivas e sociais que a opção por perífrases verbo-nominais como predicadores pode ter num texto.

9.4.6 VERBOS DE LIGAÇÃO OU VERBOS RELACIONAIS

Também designados, na literatura linguística, como *predicativos, relacionais e copulativos*, são verbos que se relacionam a elementos não verbais com função atributiva, para conferir a estes elementos o papel de projetar sintática e semanticamente predicções (estruturas de papéis participantes com certa relação gramatical), ou seja, com função predicante. Por exemplo:

(116) O bebê está feliz.

(117) Maria é estudante.

(118) Meus amigos continuam com esperança de passar no Vestibular.

(119) A UFRJ fica longe.

Para explicar o comportamento semigramatical que verbos, como os destacados nos exemplos anteriores demonstram, os estudiosos têm recorrido à interpretação de que tais usos se articulam a uma predicção que não é projetada por um predicador verbal. O núcleo semântico do enunciado não reside no verbo, mas no elemento não verbal que àquele se relaciona. Então, o verbo é entendido basicamente como marcador morfossintático de número, pessoa, tempo, modo e aspecto e como o constituinte que sinaliza o comportamento gramatical de oração da estrutura sintagmática.

De acordo com Mateus *et al.* (2003), tais verbos, que, superficialmente, ocorrem numa estrutura “Sujeito V_{COPULATIVO} PREDICATIVO_{Sujeito}” (ou seja, de sujeito, seguido de verbo de ligação e predicativo do sujeito), são “predicadores sintaticamente primários” que selecionam, na verdade, apenas um argumento interno – uma “oração pe-

quena”. O núcleo predicante dessa “oração pequena”, que constitui o “predicador sintaticamente secundário” da frase, não é verbal; pode ser adjetival (*feliz*), nominal (*estudante, gente*), preposicional (*com esperança de passar no Vestibular*) ou adverbial (*sempre*). Por exemplo:

Cada instante é sempre.²⁵

Metade de mil. Nossa, isso é bastante gente, é como se uma escola toda me seguisse.²⁶ [intensificador ____] ou [elemento de comparação_{como/tal qual/tipo} se ____]; com *slot* aberto a muitas formas de preenchimento

Esse elemento não verbal predicante atribui uma propriedade/qualificação ou caracterização ao participante argumento que projeta: um termo (*O bebê/Maria/Meus amigos/A UFRJ/Cada instante/isso*) com relação semântico-gramatical de sujeito. Em casos de predicadores não verbais de dois lugares (por exemplo, “*O álcool é prejudicial ao fígado*” e “*Esse material é resistente ao calor*”), haverá um segundo termo com relação semântico-gramatical de complemento interno (*ao fígado/ao calor*).

Essa interpretação remete-nos à interpretação de Dik (1997) de que os elementos não verbais com função ou interpretação atributiva, que compõem normalmente um enunciado que exprime estado (ou seja, um estado de coisas [- controlado] e [- dinâmico]), podem assumir papel predicante sob a operação de um *verbo cópula* (*suporte*), que é assim chamado, por esse linguista, devido à sua similaridade com um “operador semigramatical de verbalização”.

Para explicitar a relação entre um elemento não verbal predicante e seu argumento externo, o falante conta com um operador gramatical chamado de *verbo de ligação*. Por meio de uma regra de expressão linguística – regra de “verbo cópula (*suporte*)” –, associa-se o verbo de ligação a qualquer elemento diferente de verbo ao qual se deseja atribuir função predicante. Dessa operação resultará uma perífrase (*verbo de ligação + elemento não verbal predicante, V_{de ligação} + ñV*), um predicador complexo, que se articula semântica e sintaticamente a um papel participante que se manifesta como argumento com relação gramatical de sujeito na estruturação morfossintática.

Evidência favorável à interpretação perifrástica aqui descrita reside nos seguintes fatos:

(i) Não é o verbo o principal elemento a determinar as condições semânticas sob as quais os termos preenchem as posições argumentais previstas, conforme se nota na comparação entre os exemplos

(120) Marta é ruiva. Porém: *A pedra é ruiva.

(121) A flor está despedaçada. Porém: *A farinha está despedaçada.

“Ruiva” e “despedaçada” são os elementos responsáveis por inviabilizar o preenchimento da posição de sujeito por termos como “A pedra” ou “A farinha”, e não os

25 <https://www.pensador.com/frase/MjYwNDk3OQ/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

26 <https://twitter.com/VacaoComTil/status/1508473279245430789/photo/1>. Acesso em: 30 mar. 2022.

verbos SER e ESTAR. É, portanto, o predicativo do sujeito que restringe semanticamente as possibilidades de preenchimento do constituinte SN sujeito.

(ii) Entretanto, o verbo de ligação contribui para a significação da estrutura perifrástica, uma vez que a permuta de um operador semigramatical por outro altera o significado da expressão, conforme mostram as alternativas testadas no enunciado a seguir: o sentido de permanência, em SER, *versus* transitoriedade, em ESTAR, da propriedade atribuída (preguiçosa); o caráter permansivo decorrente do uso de CONTINUAR; o matiz de hesitação/aparência (“modalização”) da predicação em virtude da opção por PARECER.

(122) Marta é/está/continua/parece preguiçosa.

Outro aspecto que parece contribuir para o estatuto semigramatical do verbo de ligação e também para essa interpretação é o fato de a escolha desse verbo estar, em alguns casos, vinculada ao tipo de propriedade que o constituinte com relação gramatical de predicativo do sujeito expressa:

(123) O retângulo é um quadrilátero. / ?*O retângulo está/anda um quadrilátero.

(124) João está contente. / ?*João é contente.

Um quadrilátero indica propriedade permanente de espécie, característica incompatível com verbos de ligação que exprimem fase/transitoriedade, servem à expressão de uma propriedade temporária.

9.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame de qualquer forma verbal, com perfil mais ou menos polissêmico, num espectro que vai do polo da lexicalidade ao polo da *auxiliaridade/gramaticalidade*, ou seja, da extensão de sentido menos gramatical e mais lexical à extensão mais gramatical leva à descoberta de diversas (sub)categorias e põe em evidência diferentes graus de integração entre os componentes da estrutura perifrástica, que advêm das propriedades que estes assumem nos contextos em que são postos em uso. O trabalho de categorização verbal baseado no exame dessas propriedades constitui uma valiosa oportunidade a quem se debruça sobre o assunto de exercitar sua reflexão crítica e sua argumentação com relação aos conceitos e à classificação que estabelece ou com que se depara na descrição tradicional. É um exercício de categorização centrada em movimentos de associação e dissociação na organização dos objetos da experiência do mundo e, assim, na concepção de que há membros exemplares e membros mais ou menos próximos ou periféricos na interrelação com as categorias tomadas como pontos de referência para esse processo de organização e representação em descrições linguísticas.

Mesmo no mundo fora da gramática, as categorizações não são ideais ou fechadas, como a alguns ainda podem parecer. Há fronteiras que se diluem a depender do ponto de vista tomado, há pontes entre categorias. As categorias não se estabelecem com base em membros tomados em listas feitas por critérios necessários e suficientes, mas

a partir de membros que se associem a representantes médios que revelam mais ou menos atributos de um centro prototípico.

Uma categorização rigorosa e cientificamente fundamentada dos verbos de comportamento (semi-)gramatical do Português deverá visar a fornecer subsídios para o tratamento do tema da *auxiliaridade* como um tópico gramatical cuja exploração didático-pedagógica encaminhe atividades que: (i) colaborem para a construção e/ou sedimentação de um conhecimento explícito da língua; e (ii) fomentem a manipulação consciente e segura de estruturas da língua portuguesa com verbos auxiliares (em sentido lato), assim como o entendimento de sua funcionalidade e de suas condições de uso. Com base naquele conhecimento, o usuário da língua poderá desvendar as implicações semântico-pragmático-discursivas e sociais das escolhas gramaticais que faz e perceber as vantagens envolvidas no emprego de uma ou outra possibilidade estrutural (forma perifrástica ou simples), na opção por um ou outro operador/marcador gramatical (verbo auxiliar, verbo semiauxiliar, verbo (semi-)suporte, verbo de ligação).

Vale lembrar que esse é um tema que repercute no trabalho com outro tópico gramatical bastante frequente nos livros didáticos: a delimitação de períodos compostos por subordinação. É importante saber reconhecer, quando, num texto, se esbarra numa sequência de verbos, se se está diante de um período simples com perífrase verbal ou de um período composto com dois predicadores, para prosseguir com uma atividade, por exemplo, a de classificação ou de conexão de orações. Para tanto, na tarefa de dar instrumentos ao aluno, para que este assuma uma postura de analista/pesquisador dos fatos linguísticos com que se depara, caberá ao professor articular diferentes conhecimentos gramaticais e estes com a construção de unidades textuais, bem como fornecer um conjunto de informações que torne esse aluno mais seguro e crítico (i) no uso da língua, (ii) no raciocínio e controle epilinguísticos, (iii) na representação e conscientização metalinguísticas e, finalmente, (iv) na evolução de habilidades e competências metalinguísticas e automatização dos metaprocessos implicados no modelo de desenvolvimento metalinguístico (Gombert, 1992).

O bom aproveitamento do tema da *auxiliaridade* nas aulas de Português centra-se em: (i) articulação entre expedientes morfossintáticos de auxiliarização/verbalização, seus efeitos de sentido na constituição de uma perífrase, propósitos comunicativos e exigências situacionais; (ii) exploração do conjunto de propriedades semânticas e sintáticas que caracterizam verbos predicadores, verbos (semi-)auxiliares, verbos (semi-)suportes, verbos relacionais/de ligação e, com base nelas, identificação/classificação do(s) comportamento(s) dos verbos e detecção do tipo de predicação/período (simples ou complexo); e (iii) exercícios que, organizados pelo tipo de recurso linguístico e pelo tipo de instrução de sentido vinculado aos recursos, impliquem a manipulação de textos, bem como a formulação de generalizações quanto ao comportamento lexical, léxico-gramatical e gramatical dos verbos.

Generalizações acerca das propriedades das diferentes categorias de verbo e perífrases verbais podem contribuir para a compreensão de sua funcionalidade discursiva na fala e na escrita. Quem sabe, ao testar os parâmetros de *auxiliaridade/gramaticali-*

dade aqui delineados no exame de outros dados, possa o professor aprofundar essas generalizações e organizar material didático para abordar mais apropriadamente a questão da formação e da interpretação de predicadores complexos, perífrases verbais ou verbo-nominais, na construção de textos, para além de promover o processo de categorização linguística em termos mais apropriados. Afinal, a unidade do conhecimento é permanentemente construída e reconstruída, com base no interesse que se tem em (i) resolver e (re)descobrir problemas, (ii) administrar tensões decorrentes de propostas teóricas, descritivas e/ou metodológicas diferentes e (iii) alcançar soluções descritivas e refinar a análise e a interpretação dos dados, bem como o instrumental metalinguístico de trabalho. Esse desafio merece ser encarado pelo professor de língua (materna ou não materna).

Este capítulo é uma contribuição descritivo-metodológica fundada em experiências de análises linguísticas do Projeto Predicar e uma versão ampliada e modificada de MACHADO VIEIRA (2004).

REFERÊNCIAS

- BARROSO, H. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- DIK, S. C. *Theory of functional grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2 v., 1997.
- GOMBERT, J. E. *Metalinguistic development*. Great Britain: Harvester Wheatsheaf/Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- GONÇALVES, A. P. M. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Mimeo, 1992.
- GONÇALVES, A.; COSTA, T. da. (*Auxiliar a*) *Compreender os verbos auxiliares: descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri, 2002.
- GONÇALVES, A. *et al.* Propriedades predicativas dos verbos leves *dar, ter e fazer*: estrutura argumental e eventiva. In: Actas do XXXIX Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL), Santiago de Compostela, 1-4, Fevereiro 2010.
- HOPPER, P. J. On some principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*, Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991. p. 16-35.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliabilidade. In: LOBATO, L. M. P. *et al. Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes,

1975. p. 27-91.

- MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. 362 fl. mimeo. Tese de Doutorado.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p.65-96.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 28, p. 99-125, dez. 2014. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/14200>. Acesso em: 01 abr. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2014.14200>.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Um panorama da norma de flexão verbal de número em construções com SE apassivador/indeterminador. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 7, marzo 2015, p. 210-230.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA, Alessandra *et al.* *Uma história de investigações em língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher Open Access, 2018, p. 91-112, cap.6. <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580393088-389/list#undefined>.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: FREITAS JR., R. de; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. (orgs.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; SOUZA, L. L.; COSTA, M. G. da. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. (orgs.) *Linguística Baseada no Uso: explorando métodos, construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021. https://discursoegramaticablog.files.wordpress.com/2020/11/linguistica-baseada-no-uso_explorando-metodos-construindo-caminhos.pdf.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 25-65.
- RAPOSO, E. B. P. *et al.* *Gramática do Português*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I e II, 2013.